



SACCO E VANZETTI

**VIGÊNCIA DA MEMÓRIA
E SOLIDARIEDADE ANARQUISTA:
DAS JORNADAS DOS ANOS 20 À
AGITAÇÃO PERMANENTE PELOS/AS
ANARQUISTAS SEQUESTRADOS/AS HOJE**

SACCO E VANZETTI

**A VIGÊNCIA DA
SOLIDARIEDADE ANARQUISTA:
DAS JORNADAS DOS ANOS 20
À AGITAÇÃO PERMANENTE PELOS/AS
ANARQUISTAS SEQUESTRADOS/AS HOJE**

COLETÂNEA DE TEXTOS

**PORTO ALEGRE,
INVERNO 2016**

the *Journal of Applied Behavior Analysis* (1974), and the *Journal of Experimental Psychology* (1975).

There are a number of reasons why the *Journal of Applied Behavior Analysis* is the most widely read journal in the field. First, it is the only journal in the field that is published quarterly.

Second, it is the only journal in the field that is published by a non-profit organization.

Third, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Fourth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Fifth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Sixth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Seventh, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Eighth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Ninth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Tenth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Eleventh, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Twelfth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Thirteenth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Fourteenth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Fifteenth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Sixteenth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Seventeenth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Eighteenth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Nineteenth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Twentieth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Twenty-first, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Twenty-second, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Twenty-third, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Twenty-fourth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

Twenty-fifth, it is the only journal in the field that is published by a journal of record.

SUMÁRIO

Olá _____	5
Carta de Sacco e Vanzetti difundida nas agitações do 1º de Maio de 1923. Publicada em A Plebe _____	8
Um olhar ao anarquismo autônomo e insurrecional na história dos Estados Unidos _____	15
Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti Memória e vigência da solidariedade ácrata _____	23
Irreverência do tempo _____	32
Alguns apontamentos sobre as agitações pela libertação dos anarquistas Sacco e Vanzetti em Porto Alegre e noutras cidades _____	37
Cartas acenos e sopros _____	65



OLÁ

Uma semente é lançada sobre a terra. Onde vai parar esta semente? Brotará? Dará frutos? De qualquer forma insistimos, semeamos e editamos este livreto. Um pouco de história, afirmação de princípios, solidariedade, necessidade por expandir uma cultura de revolta, ai estamos.

Sacco e Vanzetti foram dois anarquistas que não abaixaram a cabeça diante das mais tenebrosas privações: a prisão, a tortura, a morte. Suas posturas de determinação em consonância com seus ideais anarquistas imprimem hoje, assim como ontem, um agudo valor. Não queremos esquecer-los. Assim como não queremos esquecer o movimento, a avalanche, que se emergiu em solidariedade com Sacco e Vanzetti.

Trouxemos nestas folhas impressas uma coletânea de textos. Primeiramente publicamos uma carta escrita por Sacco e Vanzetti em 1923 desde a prisão a qual foi difundida no Brasil nas agitações do 1º de Maio daquele ano através do jornal anarquista de São Paulo A Plebe.

Traduzimos do extinto jornal anarquista Tierra y Tempestad de Montevideo o texto “Um olhar ao anarquismo autônomo e insurrecional na história dos Estados Unidos.” o qual dá uma visão do anarquismo nos EUA e também da postura anárquica assumida por Sacco e Vanzetti.

O texto: “Irreverência do tempo” foi escrito por Pedro Catallo e retirado do jornal anarquista Dealbar editado por ele na

cidade de São Paulo nos anos 60. Pedro Catallo participou das agitações nos anos 20 pela libertação de Sacco e Vanzetti na cidade de São Paulo e mantém viva esta memória de luta através de sua escrita.

Os textos: “Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti Memória e vigência da solidariedade ácrata.” e “Alguns apontamentos sobre as agitações pela libertação dos anarquistas Sacco e Vanzetti em Porto Alegre e noutras cidades.”, foram escritos para uma atividade pela memória anárquica e em sintonia com o chamado internacional de solidariedade com os anarquistas presos/as mundo afora, realizada na Biblioteca Kaos, em Porto Alegre, no mês de agosto de 2015.

Temos claro que esta publicação não se situa na prateleira dos livros de história simplesmente. É certo que destas agitações nos anos 20 de solidariedade e ação pela libertação de Sacco e Vanzetti um sem fim de lições podem ser tomadas como o claro papel da polícia, da justiça, leis, tribunais e juízes.

Ontem como hoje não são poucos/as companheiros/as que dedicam suas vidas a luta a ponta de faca, ao conflito aberto com o poder e suas lógicas, com a não conciliação com a autoridade e suas leis. Dentro da guerra social a prisão é uma realidade dura que hoje companheiros/as enfrentam com coerência, de cabeça em pé e em pé de guerra. Claudio Lavazza, Mônica Caballero, Francisco Solar, Marcos Camenish, Nicola Gai, Alfredo Cospito, Ilya Romanov, os irmãos Tsakalos e tantos/as outros/as indomáveis na Grécia, no Chile, no México ...

Se espalham iniciativas e gestos pela agitação permanente impedindo o isolamento dos/as anarquistas presos/as hoje. O

chamado do Dezembro Negro 2015 foi um vivo exemplo disto. Outra iniciativa internacional foi o chamado em agosto de 2015 para a Semana de Agitação pelos/as presos/as anarquistas. Podemos dizer que esta publicação nasce deste chamado da vontade de manter viva uma memória de luta e coerência como a de Sacco e Vanzetti e com a viva vontade de acenar com um gesto solidário aos companheiros/as que enfrentam hoje o cativoiro.

Temos na solidariedade, sobretudo com seres indomáveis que mantêm a firmeza diante do cativoiro e do auto de fé nas garras do inimigo, como um valor, um principio, uma arma.

Sul da terra outono-inverno 2016.



**CARTA DE SACCO E VANZETTI
DIFUNDIDA NAS AGITAÇÕES DO
1º DE MAIO DE 1923.
PUBLICADA EM A PLEBE**

“Companheiros:

Muitas vezes, durante nosso encarceramento, vos temos dirigido a palavra através das grades que nos separam da liberdade e nos privam dos direitos mais alienáveis.

Não é para invocar a solidariedade, que já nos concedeste espontaneamente, generosamente, rapidamente e que nunca se desmentiu desde que a magistratura e a polícia revelaram o projeto de nos prender a todo custo – mas é por fé, por paixão, por reconhecimento e por orgulho que nós vos dirigimos estas palavras.

Por fé: e nós vos dizemos que sois os únicos que nos podeis arrancar ao carrasco entregar-nos à vida, que é liberdade, ação, amor e ódio; é de vós, e não da lei, que esperamos justiça.

Por paixão: com o coração ulcerado, nós vos denunciaremos o sadismo das perseguições, as mentiras, a duplicidade de que tem dado provas e de que usaram contra nós o Juiz Webster Thayer o procurador Katzmann.

Nós vos denunciaremos as ciladas maquinadas pela polícia, às suas ordens, para criar, pela corrupção, pelas ameaças e pela

chantagem, todas as falsas testemunhas de acusação, sem as quais teria sido impossível condenar-nos, nem mesmo acusar-nos.

E nós vos dizemos que os jurados – em menos de quatro horas, após um processo que tinha durado oito semanas – acharam meios de nos condenar à pena capital.

Depois, quando a sentença de morte foi conhecida de vós, companheiros e trabalhadores, soubestes fazer ouvir a cólera e a dor que rugia em vossos peitos e, desafiando as baionetas dos soldados, vossos inconscientes irmãos, e a brutalidade dos esbirros mercenários, lançaste-vos, através das ruas e praças de todas as cidades do mundo, para gritar ao resto dos representantes e servidores de nossos juízes, de nossos carrascos e de nossos perseguidores, que não estáveis disposto a deixar executar impunemente o nosso assassinato.

E a explosão da dinamite libertadora, uniu-se a vosso clamor imenso, titânica voz de dor, de vontade, de perdição e de redenção. E já vos dissemos que foi a esse clamor e a essa exploração, que devemos a vida. Os animais ferozes sentiram o pelo queimar-lhes a na espinha e alargaram o nó. Se não fosse isso, ter-se-iam apressado a entregar-nos ao carrasco que, no silêncio de uma noite tenebrosa, os teria amarrado e queimado na fogueira sem chamas do século XX.

Mas vós, que nestes tempos da pior reação, tendes sabido cumprir um gesto de solidariedade tão belo e tão potente, como há poucos semelhantes na história já gloriosa do proletariado, não desarmeis; confiantes e decididos permaneçei de armas ao ombro.

Queremos-vos confiar o que pensamos sobre a nossa situação presente – situação incerta, obscura, dolorosa e plena do desconhecido. E, fazendo isso, julgamos cumprir um dever para conosco, para convosco e para com a grande causa comum.

Nossa impotência forçada, privando-nos das responsabilidades próprias de todo militante, lança-nos o dever do silêncio, sobre causas que nos tocam de perto, quer como homens, quer como revolucionários – não, porém, o de ser covardes. Examinemos, pois, em conjunto, nossa situação presente e a de todos os prisioneiros do nosso gênero.

Por isso, eis-nos constrangidos a começar ... pelo princípio e a vos repetir. É uma necessidade, mas não é um mal, porque, enquanto o perigo e a vergonha durarem e prejudicarem, é bom repetir-se ...

Já o sabeis. Depois de Katatzmann e Thayer, obtiveram facilmente uma vitória no processo de Plymouth, as coisas mudaram e mudaram ainda mais após o processo de Deadham. Indubitavelmente, mudaram para melhor. A mesma imprensa burguesa que, no momento de nossa prisão exercia, a nosso respeito, um verdadeiro linchamento moral, tem agora, e desde um certo tempo mudado de tom. Quase unanimemente, tem declarado injustificável a sentença de Deadham.

A defesa obteve a retratação de duas importantíssimas testemunhas de acusação, descobrindo que uma terceira, Goodrid, não era Goodrid, e que antes de ser um prejuízo, foi um indivíduo de loucas combinações.

Além disso, a defesa encontrou uma nova testemunha na

pessoa de Roy E. Gould que achando-se presente no momento do atentado, viu os autores e nega nossa presença no lugar. Têm-se obtido em nosso favor muitas provas evidentes e em grande número, evidências que são de um valor capaz de assegurar num caso ordinário, a revisão imediata do processo.

Mas devemos nós, por isso, esperar obter justiça? Por nada do mundo. Isso nos foi dito há um ano, com uma clarividência, pelo juiz Thayer. Recordar-vos-ei que ele fixou a audiência, pedida pela defesa para reclamar um novo processo, à véspera do Natal, e para vos regozijar e a todos os que nos estimam, no dia mesmo de Natal pronunciou seu muito compreensível NÃO. Recordai-vos também de sua recusa.

Discurso famoso, digno dele, duas peças de impostura, de vaidade e deslealdade. Nesse discurso, Thayer ousou servir-se deste miserável argumento: “OS JURADOS PODEM RECUSAR-SE AACREDITAR NAS TESTEMUNHAS DE DEFESA, MESMO QUE ESTAS SEJAM MAIS NUMEROSAS QUE AS DE ACUSAÇÃO; E PODEM BASEAR SEU VEREDICTUM DE CULPABILIDADE SOBRE A ÚNICA CRENÇA NUMA SÓ DAS TESTEMUNHAS DE ACUSAÇÃO”.

Thayer preparará um outro discurso para o dia em que nos recusará de novo o processo, porque ele sente necessidade de cobrir o espírito com a letra, mas ele poderia dispensar-se disso, justificando sua nega recusa pela simples repetição das palavras já proferidas e referidas por nós.

Então, direis, para que ter pedido a defesa legal!

Por boas razões.

Presos pela violência, acusados e constrangidos pela violência a um processo, tivemos que recorrer à defesa legal a única reconhecida por lei, para sermos protegidos em nossos direitos, demonstrando legalmente a nossa inocência. Nunca, porém, acreditamos que a defesa fosse capaz de obter justiça. Temos conseguido demonstrar nossa inocência. Na mais indulgente hipótese, o júri não poderia condenar-nos, senão no caso de servir-se da dúvida contra nós. E o discurso citado mais acima, é todo um esforço para justificar a ação do juiz nesse sentido.

É com tudo ocioso falar de tudo isso. Sabeis perfeitamente, companheiros, amigos e trabalhadores, porque se nos declarou culpados. E o silêncio dos jurados após o processo (eles tinham jurados uns aos outros de não falarem do que se passasse na Câmara das deliberações, esse silêncio fala por si mesmo).

Para sermos libertados, devemos obter um outro processo e devemos se absolvidos. O fato de conseguir outro processo é decisivo para nossa liberdade? Deveremos dizer-vos que a defesa legal, por si só, é impotente? Deveremos falar-vos de Mooney e de Billing? Dos Mártires de Chicago? De Joe Hill? Dos prisioneiros políticos? Dos recentes processos dos mineiros? Das últimas prisões? Deveremos dizer-vos que dos Thayer e dos Katzman, administradores da ustiça de classe, não se deve esperar se não mal? Deveremos lembrar-vos que a qualidade dos doze homens que formavam o júri de Dedham, que nos condenaram, e das qualidades dos doze de outros júris que condenaram os outros, não hão de fato desaparecido do mundo? Deveremos dizer-vos o que é a lei? E que é absurdo e ridículo esperar Justiça da lei de classe de nossos inimigos mortais?

Não companheiros: SE O INIMIGO, QUE TUDO TEM A GANHAR PERDENDO-NOS, PERCEBE QUE PODE FAZE-LO IMPUNEMENTE, FICAI CERTOS DISSO: NUNCA NOS TEREIS EM VOSSO MEIO. ELES SE APODERARAM DE NOSSA PELE, OU NOS FARÃO MORER, ÁTOMO POR ÁTOMO, ENTRE OS MUROS DA SUA BAATILHA, COMO JÁ FIZERAM A MUITO OUTROS.

E farão o mesmo com os outros reféns. E os reféns aumentarão. As prisões regurgitarão dos mais fortes campeões do trabalho e da liberdade. Corrompida, traída, confundida e aterrorizada, a multidão esfarrapada, curvar-se-á sob a violência e a astúcia da canalha dourada e na ruína geral, seremos arrastados e nossos filhos serão escravos miseráveis dos outros e de si mesmos.

Companheiros, trabalhadores! Permitti-lo-eis? Hoje eis nos nós mesmos impotentes. Nosso destino e vosso destino, como o destino de vossos filhos, está em vossas mãos e não nas mãos do inimigo. Não nos resta mais que saber encarar o último suplicio ou, mais horrível ainda, a reclusão perpétua, sem fraqueza e sem covardia.

Ainda adolescentes, conhecemos a separação dos que nos são caros, a ferocidade do patrão e a covardia das “pessoas honestas”. Aos vinte anos, preferimos o estudo e a luta aos amores fáceis e ao bilhar. E a longa vigília que conhece toda a desolação toda a pena, todo o insulto e toda humilhação, sobrevive em nós esta fé que a luta e a dor temperam e não abatem . E nós sabemos, a muito tempo, o que a Causa pede e o que guarda o inimigo ...

Para a defesa da existência e para o triunfo do ideal, estávamos decididos ao sacrifício supremo. Nós esperávamos tombar combatendo, a peito descoberto – arma em punho, face a face com o inimigo execrado.

Atroz ironia! Sonhávamos tombar como leões e o destino preparou-nos a morte do rato. E, no entanto, o que nos conforta é a certeza que, mesmo assim, o nosso sacrifício não será em vão, mas amadurecerá e apressará a hora invocada da grande insurreição.

Nós saberemos achar a força de resistir à tortura cotidiana, e, na pior das hipóteses, saberemos olhar a face do carrasco que nos ligue a lançar ao mundo dos grandes ladrões e dos grandes assassinos a nossa maldição.

A reclusão perpétua significa um martírio mais longo e mais atroz do que uma execução imediata. Pensai nisso e pensai também que a prisão é o castigo mais vantajoso para a burguesia, porque poupa os gastos do verdugo e dá-lhe o produto de nosso trabalho.

Dai-nos OU A LIBERDADE OU A MORTE !
Isso dependerá de vós, trabalhadores nossos companheiros!
Agora e sempre pela revolução social.

Nicola Sacco
Bartholomeu Vanzetti

UM OLHAR AO ANARQUISMO AUTÔNOMO E INSURRECIONAL NA HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

O anarquismo sempre tem sido um movimento social composto por uma grande variedade de perspectivas com respeito à organização e estratégia. O Anarquismo Autônomo e Insurrecionalista, baseado na responsabilidade individual, a organização informal, a ação direta e a luta armada, desempenhou um papel crucial nos inícios do movimento anarquista americano.

Em maio de 1885, anarquistas alemães que viviam em Londres, criaram um grupo denominado Grupo Autônomo e começaram a publicar o “Die Autonomie”, seu órgão de expressão, que em parte se empenhou como método de resposta à Johann Most a quem consideravam demasiado autoritário. Este jornal foi uma fonte de inspiração no desenvolvimento do movimento anarquista autônomo em Chicago. Também em janeiro 1886, os anarquistas de Chicago George Engel e Adolph Fisher criaram o jornal “Der Anarchist” que veio a ser um fórum para os/as anarquistas autônomos/as da cidade.

Os desacordos dentro da Associação Internacional dos trabalhadores (AIT) em 1885, permitiram o surgimento de um movimento autônomo na cidade, que se enfrentava abertamente a “Ideia de Chicago” defendida por anarquistas como Albert Parsons um dos pais do que seria o início do anarcosindicalismo. Os/as autônomos/as consideravam os sindicatos como estruturas

reformistas e burocráticas inadequadas por isso para a atividade revolucionária.

Os/as anarquistas autônomos/as de Chicago eram trabalhadores/as que procediam de grupos como: North West Side Group, The Anarchist Discussion Club, The South West Side Group Number 3, The Socialistic Male Chorus, The South West Side, e a segunda e terceira companhia de Lehr-und-Wehr Verein (“Centro de Ensino e Defesa”, uma milícia de trabalhadores armados da qual Fisher foi membro).

Os/as autônomos/as chamavam a “completa destruição pela força, da ordem estabelecida” e se distinguiam pelo seu rechaço a transigir com seus inimigos de classe. Eles/as não mandavam delegados/as ao Comitê Geral dos Grupos de Chicago, ainda que Fisher fosse militante de base do Sindicato de Tipógrafos Alemães, os/as autônomos não participavam oficialmente em organização alguma. Em vez disso, apoiavam a formação de grupos de ação independentes para levar a cabo a luta armada e a livre associação de indivíduos e grupos. O jornal “Die Anarchist” não tinha editor, só contava com um endereço para os comunicados. Os eventos culturais anarquistas jogavam um papel importante no movimento e incluía coros, orquestras, grupos de teatro, clube de debates e merendas.

A atividade dos/as autônomos/as se correspondia com o espírito do radicalismo da classe trabalhadora que existia em Chicago neste tempo. Os/as trabalhadores/as, empregados/as e desempregados/as, se enfrentaram com a polícia durante as greves e distúrbios do pão, incluindo a greve ferroviária em 1877, a primeira greve geral selvagem da história dos Estados Unidos.

A brutal repressão policial e as numerosas mortes, levaram aos trabalhadores a formar milícias armadas pra se defender. Grupos como Lehr-und-Wehr Verein, Jaeger Verein, Bohemian Sharpshooters e Irish Labor Guards se enfrentavam com rifles, vestiam uniformes e marcharam pelas ruas durante a celebração da Comuna de Paris.

Depois dos enfrentamentos de Haymarket ocorrido em 4 de maio de 1886, George Engel e Adolph Fisher foram presos, julgados e sentenciados à morte. “Nenhum poder sobre a terra poderá roubar da classe trabalhadora seu conhecimento na fabricação de bombas – conhecimento que eles possuem” disse Engel na sua declaração no julgamento. A luta dos Mártires de Haymarket inspirou a uma nova geração de anarquistas.

Emma Goldman foi uma dessas anarquistas. Em 1880 se encontrou com o Grupo Autônomo em Nova York, depois que se mudaram de Londres para esta cidade. Goldman começou a ler “Die Autonomie” e decidiu que estava mais próxima de sua ideia de anarquismo que no jornal anarquista alemão “Freiheit”, publicado por Johann Most, sendo que insidia sobre a independência dos indivíduos/as e dos grupos.

Também entre os anarquistas italianos emigrados aos Estados Unidos, começou a emergir um movimento insurrecionalista anarquista. Em 1898, Giuseppi Ciancabilla se mudou à Paterson, Nova Jersey, depois de fazer parte da luta armada na Grécia escapando para Itália e depois de ser expulso da Suíça e da França por ser “um anarquista perigoso”. Em Paterson escreveu para o jornal anarquista “La questione sociale”. Depois se mudou à West Hoboken, criou o jornal “L’Aurora” e traduziu o clássico de Kropotkin “A conquista do pão” ao italiano. Os

últimos anos de sua vida viveu em São Francisco, onde editou o jornal “Protesta Humana”.

Ao longo das atividades que desenvolveu na América, acabou pela luta anarquista baseada na organização informal. “Nós não criamos programas fixos, nem constituímos pequenos ou grandes partidos. Nos unimos espontaneamente, e não com um critério permanente, senão em função de afinidades momentâneas para um propósito específico, e dissolvemos esses grupos assim que o propósito pelo qual nos associamos desapareça, e outros objetivos e necessidades surjam e nos leve a desenvolver e buscar novas colaborações, com gente que pense como nós nestas circunstâncias específicas” escreveu.

Em 1901 o anarquista italiano Luigi Galleani se mudou a Paterson e se encarregou de “La questione sociale” (onde Malatesta também esteve colaborando durante um breve período). Tomou parte na greve dos trabalhadores da seda em Paterson em 1902 e o dispararam durante uns enfrentamentos com a polícia. Acusado de “incitação aos distúrbios”, escapou ao Canadá para mais tarde regressar aos Estados Unidos, vivendo em Barre, Vermont, com uma identidade falsa. Ali se uniu ao grupo anarquista Barre, constituído desde 1894 pelos cortadores de pedra e mármore, e criou o jornal “Cronaca Sovversiva” (Crônica Subversiva). Esta revista se converteu em um ponto de referência pra o movimento anarquista insurrecionalista ao longo do país, baseado no surgimento em diferentes cidades de grupos de afinidade.

Estas organizações informais incluíam: Gruppo Autonomo do Leste de Boston; o Gruppo Diritto all’Esistenza (Direto à Existência) e Gruppo L’Era Nuova (Nova Era) em Paterson; Gruppo I Libere (Os livres) da Nova Inglaterra; Gruppo

Anarchico de Youngstown, Ohio; The Francisco Ferrer Circle of Milwaukee; o Gruppo Demolizione dos anarquista mineiros em Latrole, Pennsylvania; Gruppo Gaetano Bresci (anarquista que assassinou o rei Umberto I na Itália) ao leste do Harlen, na cidade de Nova York; Gruppo Liberta em Needham, Massachusetts; o grupo anarquista espanhol Grupo Ariete de Búfalo, Nova York, e o Grupo Pró-Prensa da cidade de Nova York; entre outros. Esses grupos se consideravam a si mesmos como “anarquistas-comunistas”, ou “anarquistas sem adjetivos” e criaram uma forma inflexível de luta baseada na autodeterminação e na ação direta.

Os/as antigos/as anarquistas insurrecionalistas, alguns com famílias, que não podiam tomar parte diretamente na luta armada tiveram um papel de apoio muito importante, abrindo suas casas aos grupos de afinidade, fornecendo recursos e ocultando anarquistas que estavam em busca e captura.

Fora Galleani, os membros do movimento pertenciam todos à classe trabalhadora. Em Nova York haviam trabalhadores têxteis e da construção. Em Paterson trabalhavam nas fábricas de seda. Em Tampa e Filadélfia fabricavam cigarros. Eram mineiros em Vermont, Pennsylvania, Ohio e Illinois, e eram barbeiros, alfaiates, pedreiros e maquinistas em Chicago, Detroit, São Francisco e Los Angeles.

Também desenvolviam uma cultura anarquista vibrante, com grupos de teatro, merendas no campo, o festival da colheita de outono, conferências, clubes anarquistas, escolas livres, excursões. Durante esta época, havia cerca de 100 publicações italianas anarquistas ao longo dos Estados Unidos.

Os Bem conhecidos mártires anarquistas Sacco e Vanzetti foram membros ativos do movimento e escreveram para a publicação “Cronaca Suvversiva”.

Paul Avrich escreveu no seu livro “Sacco and Vanzetti – The Anarchist Background” - Ambos homens, ..., eram militantes sociais, defensores da implacável luta armada contra o governo e o capital. Longe de serem os sonhadores inocentes descritos por seus defensores, pertenciam a um ramo do movimento anarquista que praticava a violência insurrecionalista e o contrataque armado, incluindo o uso de dinamite e o assassinato. Acreditavam que tais atividades eram a resposta a violência monstruosa do estado.”

Sacco e Vanzetti não se limitaram ao trabalho de difusão, senão que desenvolviam papéis ativos na greve de Hospedale em 1913 e na greve de Plymouth em 1916. Em Plymouth, a greve espontânea estourou em uma fábrica de cordas, onde Vanzetti havia trabalhado. Vanzetti formou parte de piquetes, participou nas marchas, dando discurso aos trabalhadores e escrevendo sobre sua luta em “Cronaca Suvversiva”. Representantes da Federação Americana do Trabalho e da IWW (Industrial Workers of the World) saíram as ruas e tentaram conseguir que os trabalhadores se unissem a suas organizações.

Vanzetti e outros anarquistas que se opuseram ativamente a intromissão dos sindicatos, escreveram em Cronaca que a greve por si mesma era a expressão elementar da luta de classes e por tanto não era um assunto de organizações específicas. Vanzetti elogiava aos trabalhadores que se negavam a serem representados, e que argumentavam que uma transformação significativa somente poderia ocorrer se procedia da ação dos

próprios trabalhadores. Os grevistas conseguiram um incremento salarial de um dólar, porém Vanzetti lhes impulsionou a continuar na luta.

Desde o principio da Primeira Guerra Mundial em 1914, os/as anarquistas italianos estavam agitando contra a guerra e publicando artigos com frases tais como “contra a guerra, contra a paz, pela revolução”. A Ata de Registro Militar se oficializou em maio de 1917, e cerca de 60 anarquistas italianos/as, incluídos Sacco e Vanzetti, se mudaram a Monterrey, México para não registrarem-se. Ali, passaram a maior parte do tempo planificando e treinando para a luta armada. Em novembro regressaram aos Estados Unidos.

De volta aos Estados Unidos os/as anarquistas italianos/as insurrecionalistas sofreram uma grande repressão policial depois do ataque a um comício pró-americano em uma pequena cidade e fizeram explodir uma bomba em uma delegacia de policia. Ella Antolini, importante militante do movimento, foi presa enquanto transportava dinamite em um trem. Foi detida e se negou por completo a colaborar com as autoridades ou dar qualquer tipo de informação, assim que foi enviada para a prisão. Onde se encontrou e estabeleceu uma amizade com Emma Goldman.

Sacco e Vanzetti foram presos, julgados e executados, porém os anarquistas insurrecionalistas não se renderam frente a repressão, senão que levaram a cabo uma escalada de ações em represália contra os principais capitalistas.

Hoje, os/as anarquistas insurrecionalistas permanecem ativos/as nos Estados Unidos, assim como na Itália, Espanha,

Grécia, Chile, Argentina, Canadá e outros lugares do mundo.

Para mais informações consultar os livros “The Haymarket Tragedy” e “Sacco and Vanzetti”. Oferecem uma informação excelente, detalhada e não dogmática da atividade anarquista destes tempos.

Insurrectionary Anarchists of the Coast Salish Territories (Vancouver, Canadá)

Este texto foi traduzido do inglês ao espanhol por Palabras de Guerra. Encontramos publicado no jornal anarquista de Montevideo Tierra y Tempestad, Outono de 2008, ano 1 n^o1. Traduzido daí por alguns/mas amigxs da insurreição.



Invasão da polícia na Okupa Sacco y Vanzetti, Santiago, Chile.

NICOLA SACCO E BARTOLOMEU VANZETTI

MEMÓRIA E VIGÊNCIA

DA SOLIDARIEDADE ÁCRATA

“ ... vingança, vingança em nossos nomes, pelos nossos vivos e nossos mortos. ”

Vanzetti

“Debemos oponer nuestros instrumentos vengadores que quemarán los mil tentáculos monstruosos de la fiera vampírica que envuelven todos los senderos de la tierra. Nuestra dinamita purificará los lugares que a maldita casta del dólar ha apestado.”

Culmine (Jornal anarquista de Buenos Aires)

Este é um texto que busca compartilhar ações de solidariedade pela condenação e o assassinato de Sacco e Vanzetti. É apenas a ponta do iceberg do movimento de solidariedade que ocorreu neste caso. Mas é uma memória que trazemos, hoje, para nos lembrar de que a solidariedade entre nós, companheiros anarquistas, é muito mais que palavra escrita.

Os sete anos desde a prisão até a morte de Sacco e Vanzetti foram anos de protesto, manifestações e ações diretas em todo o mundo. Uma turbulência internacional que marca até agora a consigna negra de não abandonar os presos/as, mas que procura a constante agitação e solidariedade combativa entre companheiros/as anarquistas.

Solidariedade sem fronteiras

No Uruguai foram feitas greves, paralisações e comícios

nos dias 10 e 22 de agosto de 1927. A polícia tinha antecipado possíveis ataques a delegação diplomática dos EUA, pelo que proporcionou segurança e proteção para o consulado e para a residência dos diplomatas, mas não serviu de nada. O dia 4 de junho de 1926 foi colocada uma bomba na embaixada, sua explosão causou danos extensos. A crônica do jornal “O Dia” diz que foram “presos vários suspeitos anarquistas” sob a acusação de serem os autores do ataque. Cinco anarquistas militantes foram processados.

Na Argentina há greves e manifestações desde julho de 1927. Na cidade de Buenos Aires se noticia o maior numero de greves e manifestações na década, durante o mês de agosto, os dias 4, 6, 10 e 22. Todas estas medidas de força foram chamadas pela FORA (Federación Obrera Regional Argentina), exceto no dia 15 de junho, organizado pelo Sindicato Argentina. As mobilizações recorriam às ruas centrais e bairros da cidade para protestar em solidariedade com Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti. A greve foi total nos serviços de coleta e limpeza apesar das ameaças que a Prefeitura fez, tomando a falta do dia de trabalho como abandono dele (colocaram placas em todos os corredores com a ameaça). As lojas e negócios norte americanos em Buenos Aires não se atreveram em abrir suas portas durante os protestos e a greve.

Ao mesmo tempo, neste mesmo território, viveu-se um turbilhão de ataques e sabotagens. Em 16 de maio de 1926 os protestos em Buenos Aires iniciam-se com uma bomba na embaixada dos EUA. O buraco que a explosão abre é tão grande que a polícia pode entrar no edifício através dele. O escudo dos EUA vai para no meio da rua. Na loja de frente caíram todas as garrafas das prateleiras. Logo depois, como era de costume, a

polícia do governo radical de Alvear, liderada pelo chefe de investigações, Santiago, foi pedir desculpas ao embaixador dos EUA, e para lhe garantir que os culpados iriam cair em breve. Mas isto não iria acontecer, pois esta não seria a única bomba. No dia 22 de julho de 1927 uma bomba explodiu no pedestal da estátua de Washington, no bairro de Palermo. Um banco de mármore ao lado do monumento, foi parar a cinco quarteirões de distância. Cinquenta minutos depois outro dispositivo explode na companhia Ford, o carro modelo do ano em exibição na vitrine é completamente destruído.

“É claro que a polícia pega qualquer pessoa como rosto suspeito de ser anarquista. E o comissário Santiago faz declarações otimistas. Mas naquela mesma noite, 16 de agosto, explode em sua luxuosa residência, Rawson 944, um dispositivo que deixa sua casa sem sala de jantar, sem móveis no quarto, sem varanda e sem janelas. Depois disso, o comissário não voltou a falar com os repórteres” (Bayer). No entanto, a polícia disse a imprensa que essas ações eram a expressão de protesto de “certos grupos pelo processo de Sacco e Vanzetti”.

O grupo anarquista ligado ao jornal La Antorcha, seus escritores e ativistas, foram identificados como responsáveis por “recomendar sabotagens e outras coisas deste tipo”. A polícia prendeu os principais agitadores do comitê pela liberdade de Sacco e Vanzetti, aos editores do jornal La Antorcha e a Miguel Arcángel Roscigna, a quem a polícia tinha identificado como “anarquista de ação”. Apesar de serem pegos, a polícia não podia mantê-los/as presos/as, pois não podiam acusá-los/as, uma das razões para este fracasso foi a postura firme dos/as anarquistas, segundo a imprensa, o problema que tinham para não condená-los/as era que: “a partir desses elementos não é lógico esperar acusações ... Entre os terroristas não amigos de nossos

diretores detetives” (Anapios). O próprio chefe de investigações sustentou que o ataque foi resultado de vingança relacionado com a turbulência causada pela condenação de Sacco e Vanzetti, mas também, pela detenção de Horácio Badaraco, um dos principais editores de La Antorcha. Eram momentos em que nenhuma agressão aos companheiros rebeldes ficava sem resposta.

No Brasil aconteceram greves tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro nos meses de julho e agosto de 1927. Entre os dias 22 e 23 de agosto ocorreram inúmeras manifestações de protesto também no Brasil.

Em São Paulo: “Na Lapa houve conflitos sério entre trabalhadores e policiais ... Na Ipiranga estes conflitos se repetiram, em frente da fábrica Nami Jaffer um piquete convidava os colegas a participarem da greve e do comício em solidariedade. A diretoria da empresa, no entanto, chamou a polícia que efetuou várias prisões. Entre os/as presos/as estavam três jovens operárias ... Na estamperia Liberty, na rua Piratininga, a polícia agiu com violência ... as onze horas foram pedidos reforços para as fábricas Matarrazo, na Água Branca, e Crespi, na Mooca ... Os grevistas se reuniram em um grande comício na Praça do Patriarca.”

Greves ocorreram também no Rio de Janeiro. A União dos Operários em Fábricas de Tecidos lançou manifesto que afirmava: “É hoje o dia designado pela justiça norte americana para o assassinato de nossos companheiros Sacco e Vanzetti ... Que nenhum operário trabalhe hoje em sinal de protesto pelo assassinato de dois inocentes, vítimas do capitalismo.” Além dos trabalhadores das indústrias de tecidos outros trabalhadores paralisaram. Houve uma greve geral e comícios na cidade de Petrópolis. Ocorreram manifestações operárias, organizadas sobretudo por anarquistas, em vários

estados brasileiros.

Na Bolívia, a FOL (Federación Obrera Local) e o SFOV (Sindicato Feminino de Ofícios Vários), ambos de indígenas libertários, realizou comícios, manifestações e protestos contra a condenação e o assassinato de Sacco e Vanzetti (Rodriguez). Ainda em Estocolmo, Londres, Espanha, Paris, Rússia, Costa Rica, Boston, Rochester, Filadelfia, Scranton, Tampa, Detroit, Baltimore, Kansas, Nova York, ... houveram greves e protestos.

Mas o contexto político e necessidade de frear o movimento anarquista nos EUA já havia determinado o destino dos companheiros e no dia 4 de agosto foi negado qualquer possibilidade de libertá-los. Telegramas internacionais anunciaram: “Atos de protesto contra a condenação de Sacco e Vanzetti. Embaixadas e delegações dos EUA foram informadas da sentença do governador. Tomar precauções”. Por que todo mundo podia prever que a solidariedade iria detonar a raiva ao longo de vários territórios ainda que a data de seu assassinato fosse adiada do dia 11 para o dia 23 de agosto.

Em 11 de agosto, duas bombas explodiram, uma na Basileia (Suíça) e outra em Sofia (Bulgária), mais outras duas foram encontradas em Chicago e Londres.

Em Boston foram proibidas reuniões ao ar livre no domingo dia 21 de agosto, toda a polícia se concentrou para controlar possíveis enfrentamentos. O governo de Washington ameaça os estrangeiros: “os envolvidos em manifestações anti-governamentais serão deportados”. Em Chicago há ordem de disparar sobre o primeiro que chegar perto do tribunal. Oficiais vestidos de civis paravam aos transeuntes que transportavam pacotes, porém explode uma bomba na casa do prefeito de Baltimore.

Os assassinarão

Apesar dos protestos em todo mundo na madrugada dia 23 de agosto Sacco e Vanzetti foram executados. A democracia americana esteve disposta a pagar o preço.

Nas primeiras horas daquela manhã, ao ecoar a notícia do assassinato, em Buenos Aires formou-se uma manifestação espontânea na Avenida de Mayo. Voaram as cadeiras dos cafés, as janelas foram apedrejadas. Os revoltosos, segunda a imprensa, tinham parafusos e porcas para atirar contra as vidraças. Os motoristas pararam em sinal de protesto. Os sindicatos prepararam boicote as empresas norte-americanas. Os motoristas do trem se somaram a greve e manifestaram a ideia de não transportar produtos norte-americanos por nenhuma linha do trem. Mesma ação tomaram os trabalhadores dos portos e navios. Organizações sindicalistas preparam uma lista para sabotar produtos e representantes dos EUA. Em Córdoba uma bomba explode nas oficinas da Ford. Em Rosário a cidade estava em luta pelos companheiros mortos, nos enfrentamentos o esquadrão da polícia usa suas armas contra um grupo de mulheres e crianças que protestavam contra a execução.

Em Genebra (Suíça), uma enorme multidão destrói anúncios e cartazes de publicidade e mercadoria norte-americana e ataca os cinemas que mostravam filmes deste país. Em Londres 6 mil trabalhadores se reúnem no Hydepark ocorreu também uma manifestação de mais de 10 mil pessoas, o governo declarou estado de sítio. Em Johannesburgo queimaram uma bandeira norte-americana.

Em Sydney, os patrões das ferrovias demitiram mil trabalhadores empregados na construção de ferrovias por terem parado o trabalho em solidariedade com Sacco e Vanzetti. A prefeitura, pela mesma razão, demitiu 800 trabalhadores da usina elétrica.

Em Rotterdam, Cherbourg e Le Havre houveram protestos e repressão. Em Assunção no Paraguai, houve uma greve geral decretada. Em Berlim, a imprensa de esquerda publicou os endereços das embaixadas, consulados e militares, agregados americanos navais e comerciais, decretando, em vários lugares, o boicote de produtos americanos.

Em Paris as manifestações são proibidas, tanto nas imediações da embaixada quanto nas grandes avenidas. Elas acontecem mesmo com a proibição. As janelas luxuosas da avenida Sebastopol foram despedaçadas pelo protesto. Os cafés dos Champs Elysees são invadidos e devastados, isto também ocorreu em vários lugares frequentados por americanos. Já dia 22 de agosto havia 200 detidos em Paris, metade por se recusar a circular, e 40 oficiais feridos, 10 deles gravemente.

Na casa de Lewis Mac Hardy, um dos juízes, uma bomba explodiu; no parlamento se resolveu fazer uma coleta para pagar pelos danos.

Suas mortes não frearam nada

A raiva pela execução de Sacco e Vanzetti não só esteve presente nos 7 anos que precederam seu assassinato, ela permaneceu em ataques de vingança muito mais tarde. O 24 de dezembro de 1927, 4 meses depois de seu assassinato, uma bomba

explodiu no City Bank e quatro minutos depois outra no Boston Bank, no centro de Buenos Aires. Em ambos casos as bombas foram colocadas dentro do edifício perto do balcão. Naquele sábado os bancos abriram suas portas até o meio dia, então as 11:54, quando explodiu a primeira bomba, ainda haviam pessoas no City Bank. A primeira explosão causou duas mortes e numerosos feridos. A segunda, no Boston Bank causou menos danos e não deixou vítimas.

Imediatamente a imprensa interpretou o ataque como uma vingança pela execução de Sacco e Vanzetti. A Divisão de Investigações proibiu manifestações que estavam por acontecer naqueles dias e até sequestrou a fita de um filme comercial que tratava do caso dos italianos anarquistas, a polícia também deteve os editores de La Antorcha e La Protesta .

A polícia atribuiu o ataque ao grupo de Severino di Giovanni por causa de sua postura anárquica e da sua constante ação e agitação em solidariedade com Sacco e Vanzetti, a última coisa que ele fez por eles foi atacar com uma bomba a fábrica de um empresário que queria ficar rico com o nome dos companheiros, usando-os como nome de uma marca de cigarros. A fábrica foi forçada a fechar pelos destroços da bomba.

Cinco anos após o assassinato de Sacco e Vanzetti, no 27 de setembro de 1932, um pacote de dinamite destruiu a casa de Webster Thayer, o juiz que os condenou. Thayer saiu ileso, mas sua esposa e empregada ficaram feridas na explosão. Thayer viveu o resto de seus dias com custódia policial permanente, 24 horas ao dia, devido ao assédio constante e tentativas de ataques.

Décadas depois de sua morte Sacco e Vanzetti ainda agitam a solidariedade ácrata. Em lembrança de seu assassinato, se leva a cabo a semana de agitação pelxs presxs anarquistas. Hoje nós nos encontramos novamente na memória ativa, no papel, nas ruas, na ação, na agitação.



SACCO'S COLT

**VANZETTI'S HARRINGTON
& RICHARDSON**

POLICE EVIDENCE

IRREVERÊNCIA DO TEMPO

A Lembrança da Bastilha do Cambuci é uma evocação dolorosa, mormente quando se relembra que esse vulto simpático não foi tão “nobre” como seu nome.

As novas gerações não sabem e talvez nem imaginam a grande manifestação de solidariedade humana que a população de São Paulo prestou, nos anos de 1925 a 1927, aos dois anarquistas italianos, Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti, condenados a cadeira elétrica por um premeditado erro judiciário dos famigerados tribunais norte americanos. Presos em Massachusset em 1920 sob a acusação de ter cometido um crime, os juízes apressadamente forjaram testemunhas e condenaram-nos a morte.

O Mundo inteiro, consternado, interessou-se por aquele célebre processo que se prolongou por mais de sete anos devido a que o Comitê Central de defesa sediado em Nova York, conseguiu sustar por várias vezes a execução da sentença. Personalidades de todos os matizes sociais, menos padres, comunistas e fascistas, somaram-se aquela histórica campanha que visava arrancar das garras dos furibundos juízes ianques a vida daqueles dois inocentes.

São Paulo também, com sua fervilhante população cosmopolita onde predominava o elemento italiano, não podia ficar indiferente ao clamor daquela agitação universal que dia a dia tomava vulto impressionante. Foi assim que, no começo de 1925, sindicatos e uniões operárias reunidos em memorável assembleia pública no então salão Itália Fausta, na Rua Florêncio

de Abreu, fundaram o Comitê de Agitação Pró Sacco e Vanzetti, que devia orientar e esclarecer o povo brasileiro sobre aquele histórico processo judiciário.

A campanha teve início com grande entusiasmo, e em pouco tempo, comícios, reuniões, conferências, jornais e boletins multiplicavam-se na mais perfeita ordem, cumprindo um dever de consciência que visava salvar da cadeira elétrica duas inocentes criaturas. Tudo corria muito bem em São Paulo, onde poetas, jornalistas, professores, médicos, dentistas, operários, escritores, enfim, de todas as classes sociais acudiam ao chamado do Comitê Pró Sacco e Vanzetti, no único objetivo de prestar solidariedade a um movimento que abrangia o mundo inteiro. Mas, como toda regra tem a sua exceção daquela ordeira e meritória campanha foi um Promotor Público de nome Hibrain Nobre, que já havia se distinguido como delegado em Santos pelas suas repressões violentas contra trabalhadores. De caso pensado assumiu o posto de delegado da Ordem Política e Social, com único fito de desbaratar a honrosa e justa manifestação de sentimentos humanos que o povo de São Paulo tributava a vida de Sacco e Vanzetti. Em cada reunião, comício ou conferência, redadas de participantes eram levadas por ordem de Hibrain Nobre, para os infectos e pestilentos xadrezes de então Gabinete de Investigações da Rua dos Gusmões.

O autor destas linhas que é o único remanescente em São Paulo, daquele Comitê formado em 1925, passou inúmeras vezes por aqueles imundos cubículos, e por inúmeras vezes teve o desprazer de se defrontar com o empertigado e sanhudo delegado. Amparado na impunidade ilimitada de policial nato, “Nobre” mandava buscar em casa os honestos e probos promotores daquela digníssima campanha – todos cidadãos de elevada cul-

tura social e ilibado comportamento – e tratava-os como marginais, proferindo rançosos sermões “jurídicos” e repetidas ameaças que depois materializava. Um dos homens que mais sofreu nas mãos de senhor delegado “Nobre”, foi Domingos Passos, em memória de quem endereçamos esta recordação como uma homenagem fraternal ao seu grande sacrifício. Domingos Passos era um moço carpinteiro dono de uma cultura invulgar e orador acachapante e envolvente. Acudiam a centenaes as pessoas para ouvir a palavra fácil eloquente desse mestiço que honrava o Brasil e podia ser orgulho do cruzamento da raça branca com índio, das quais descendia. Pois bem, esse moço toda bondade e cuja erudição a ninguém devia porque era um extraordinário autodidata, e que participava também, da meritória campanha a favor de Sacco e Vanzetti, depois de varias vezes arrastado pela sujeira dos cubículos da Rua dos Gusmões, a mando de Hibrain Nobre foi encerrado na “Bastilha do Cambuci”, um dos cárceres mais tétrico e espantoso de que se tem memória no Brasil. Quem quiser sofrer um impacto emocional, basta consultar, sobre a “Bastilha do Cambuci”, os jornais que relatam a invasão do povo paulista àquele sepulcro negro, por ocasião da revolução triunfante de 1930.

Escadas eletrificadas por onde se faziam subir e descer os presos a fim de torturá-los, de cujos gritos eram testemunha a própria vizinhança. Pequenos cubículos chamados “cofres” de 1 metro e 80 de comprimento por 50 centímetros de largura, todos pintados de piche, sem aberturas para a respiração e com canos d’água furados ao redor das paredes, para molhar, de vez em quando, os infelizes ali sepultados. Celas completamente obscuras, sem nenhuma comunicação com o exterior, segregadas de luz e de ruídos que pudessem lembrar a existência de gente do lado de fora, construídas com a satânica intenção de matar ou

endoidecer o preso pelo silêncio e a solidão. Casos de loucura foram ali registrados por várias vezes. Precisamente foi numa destas celas que Domingos Passos esteve recluso por mais de três meses por ordem e recreação de célebre delegado da ordem política e social, Hibrain “Nobre”. Apesar de nosso esforço, nem roupas e nem comida permitiam que se lhe entrega-se e até os Habeas Corpus eram cavilosamente burlados pela astúcia de “Nobre”. Quando dali foi removido para ser atirado a uma das selvas que já nem lembramos a região, Domingos Passos estava com o corpo coberto de chagas e todas as roupas em fiapos. Tivemos depois, apenas esparsas notícias e tudo fizemos para mandar-lhe roupas e dinheiro ... mas nunca mais tivemos notícias dele. Foi uma rara inteligência truncada pela truculência de um delegado que se chama “Nobre” mas bem pobre de nobreza.

Vale registrar que esse delegado tão cioso da “ordem” pública e que não hesitava em tolher aos cidadãos a livre manifestação de pensamento garantida pela Constituição do país, em 1932, quando os Perrepistas a pretexto de “reconstitucionalizar” o país tentaram reconquistar os exorbitantes privilégios perdidos, o senhor “Nobre” mais uma vez amparado na impunidade que sempre o acompanhou, assenhoreou-se das ruas de São Paulo, e deitou falação onde quis e como quis. Usou e abusou de um direito que poucos anos antes negara àqueles homens que lutavam para arrancar dos verdugos ianques a vida de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti. Como sempre: dois pesos e duas medidas.

Alguém perguntará: Por que esta evocação agora? Desejos de vingança? Até um certo ponto, quem sabe? Mas é que, por estranho que pareça, agora, aos 80 anos de idade, Hibrain Nobre, esse homem que fora um furibundo e truculento delegado de polícia, se tornou um “paladino” da liberdade. Num canal de

televisão de São Paulo, depois duma estertórica estirada literária fazendo gala de recordações do São Paulo antigo e esquecendo o homem reacionário que foi, disse enfaticamente em sua peroração: “A liberdade não se pede, conquista-se, mesmo que seja de fuzil na mão.”

Remorsos ou caduquice? Simplesmente: irreverência do tempo.

Pedro Catallo

Retirado do jornal anarquista Dealbar “A ideia é como a gota d’água, pode refletir a imensidade.” Ano II, Números 14 e 15, São Paulo, Abril e Maio de 1968, Preço NCr\$ 0,20, página 2.



ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS AGITAÇÕES PELA LIBERTAÇÃO DOS ANARQUISTAS SACCO E VANZETTI EM PORTO ALEGRE E NOUTRAS CIDADES

Este breve escrito tem o intuito de focar sua atenção nas agitações pela libertação dos anarquistas Sacco e Vanzetti presos em 1920 nos Estados Unidos, na cidade de Boston, acusados de roubo seguido de morte no dia de pagamento de uma fábrica. De 1920 até suas execuções, eletrocutados na cadeira elétrica, na primeira hora do dia 23 de agosto de 1927, a solidariedade com estes dois anarquistas se fez sentir mundo afora, formando-se Comitês Pró-Libertação de Sacco e Vanzetti, com protestos acalorados, ataques explosivos, greves, incêndios, edição e difusão de propaganda ...

A história do anarquismo no território brasileiro, assim como a história de um modo geral, é uma colcha de retalhos da qual podemos modelar a partir do que de alguma maneira ficou escrito nos jornais, nas memórias de velhos anarquistas posteriormente publicadas em livros, em documentos das repressões policiais/judiciais. Imagine que com este exercício de escrever estes apontamentos somente vire parte da história o que ficou escrito e resistiu ao tempo, as tempestades repressivas, as traças, e o que disto tomamos conhecimento, melhor dizendo, nestas linhas você não encontrará nem um terço pálido dos acontecimentos. Imagine quantos fatos e pensamentos passaram longe de virarem linhas impressas em jornais.

Neste período de prisão até a execução de Sacco e Vanzetti (1920-1927) o anarquismo nas terras do Brasil foi extremamente efervescente com uma fecunda trajetória, violentamente combatido pelo estado, juízes, polícia, patrões, igrejas, comunistas, ... Trajetória que vinha desde os últimos anos dos 1800.

Contextualizando

Com o desenlace da 1ª Guerra Mundial onde uma Revolução Social na Rússia havia se desatado derrubando a monarquia absoluta dos Romanoff se espalhou pelo mundo grandes agitações populares nos anos de 1917, 1918, 1919. É certo que no Brasil estas agitações tinham uma base local de uma tradição de luta dos trabalhadores desvinculados do parlamento, lutando por novos horizontes através da ação direta, tomando as rédeas de suas organizações em suas próprias mãos. A Revolução Russa era então um clarão revolucionário cheio de esperanças que se fizeram naufragar em uma ditadura do proletariado.

O pensamento e prática anarquista, no território brasileiro, estavam em franca efervescência com a edição de jornais, atividades culturais, formação de grupos anarquistas de debates e estudos, de teatros, de música. No meio sindical os anarquistas articulavam forte influência imprimindo suas posições na organização sindical, baseados na ação direta, realizando greves, congressos, campanhas de solidariedade e denúncia. Tomando sempre o 1º de Maio como data de luta e luto dentro da guerra social. Escolas Modernas, inspiradas no pedagogo Francisco Ferrer, e outras atividades de caráter educacional para crianças, jovens e adultos, foram mantidas até seu fechamento, ainda nos anos 20, boa parte por pressão das autoridades.

O governo do presidente de então, Epitácio Pessoa (1919-1922), deu combate sem tréguas ao anarquismo. Ao longo dos anos 20 se intensificaram leis para a repressão legal aos anarquistas e expulsão de “estrangeiros agitadores”, “plantas exóticas”. A prática da deportação/expulsão de anarquistas estrangeiros foi uma constante desde os primeiros passos repressivos ao anarquismo no Brasil. Porém sua forma jurídica se desenvolveu por décadas se transformando a cada momento, especialmente nos momentos de grande agitação popular, para melhor se ajustar as circunstâncias e legitimar a violência do estado contra quem se revolte. Vale lembrar a Lei de Expulsão de Estrangeiros sancionada em 1907 em resposta as greves de 1906, outros decretos para a clausura de associações e jornais e também leis mais severas vem em resposta as agitações de 1918-19, como a agitação insurrecional dos anarquistas do Rio de Janeiro, e as greves que sacudiram o ano de 1919. A reação vem com a Lei de Repressão ao Anarchismo de 17 de janeiro de 1921 e também a Lei de Controle de Estrangeiros ainda no mesmo ano. Em agosto de 1927, durante as jornadas de agitação por Sacco e Vanzetti, no dia 12 de agosto é sancionada a Lei Celerada (Decreto Legislativo nº 5221) que combate tudo que se oponha ao estado, ao capital, a normalidade.

São registradas durante o governo de Epitácio Pessoa violentas greves e paralisações nas Docas de Santos com contundente repressão por parte do delegado Ibrahim Nobre que, a cavalo, laçava operários nas ruas de Santos. Combatido com golas de gude e arames que eram dispostos atravessando as ruas para segurar a cavalaria. Muitos presos, alguns deportados sempre nas piores condições dentre outros destinos eram desembarcados no Rio Grande do Sul. Destes tantos desterrados alguns ficaram, fixando residência e acolhendo outros perseguidos posteriormente ao longo dos anos 20.

Na Rússia a ferro e fogo os bolcheviques vão gradualmente tomando o poder, destruindo os soviets, formando uma polícia política (Tcheca), combatendo todos anarquistas, socialistas, camponeses, operários, marinheiros, que resistiam ao seu avanço com o argumento que eram “forças da reação”, construindo assim sua ditadura. Esta apropriação das forças sociais russas se deu com um ferrenho choque com os anarquistas e todos/as que se negavam a aceitar a construção de um novo império batizado então de “ditadura do proletariado”. Os Makhnovistas, os/as camponeses/as na Ucrânia, o povo, os marinheiros de Kronstantd e os/as tantos/as fuzilados/as ao longo do território russo, presos/as, deportados/as para a Sibéria, são o testemunho destes choques de propostas revolucionárias opostas. A da construção de um poder ou a busca da libertação total, da aniquilação do poder.

Estas notícias chegavam ao Brasil por meio dos jornais anarquistas vindos da Europa denunciando estes fatos. Isto produziu longas discussões e os anarquistas por criticarem os rumos da revolução em curso na Rússia foram tratados de caluniadores pelos comunistas do PCB, alegando que favoreciam a reação branca, como eram chamados os czaristas os quais pretendiam retomar a monarquia absoluta em terras russas. Os anarquistas não pouparam críticas frente aos acontecimentos na Rússia, denunciando e diferenciando posições. Evidenciaram-se também as diferenças de atuações no meio operário onde os comunistas passam a ser a vanguarda iluminada e propõem a via parlamentar, levantando calúnias nos jornais contra os anarquistas, agressões e assassinatos. Não por solidariedade com os anarquistas e certamente com outras intenções os comunistas também se engajaram na campanha pró-libertação de Sacco e Vanzetti.

Reproduzimos as palavras de Edgar Rodrigues:

“O Partido Comunista Brasileiro foi criado em março de 1922 por 11 egressos do movimento ácrata e um socialista. Começaram disputando a direção dos sindicatos e acabaram por ajudar os governos de Artur Bernardes, Washington Luiz e Getúlio Vargas a reduzir sensivelmente o movimento libertário e os sindicatos livres. Em 1927 assassinaram os anarquistas Antonino Dominguez e Damião da Silva e feriram mais de 10 militantes no Sindicato dos Gráficos, à rua Frei Caneca, 4, sobrado, Rio de Janeiro. Assaltaram e roubaram o acervo do Sindicato dos Trabalhadores em Calçados, à rua José Maurício, 41. Ajudaram assim a encher o Campo de Concentração do Oiapoque e a implantar a ditadura nazi-fascista no Brasil com seus sindicatos verticais, controlados pelo Ministério do Trabalho.”

Nesta mesma época no Brasil se desenrolaram agitações entre os militares de baixa patente, que ficou conhecido como Movimento Tenentista. Estas agitações estouraram em 1922 no Forte de Copacabana, Rio de Janeiro.

O governo do presidente Artur Bernardes (1922-26) enfrentou uma grande agitação social nos seus anos de presidência, decretando constantemente Estado de Sítio. Usando deste artifício jurídico-militar, para reprimir com toda liberdade seus opositores. Amplia a legislação para a repressão e assina decreto para a criação de uma seção especial da polícia que vem a ser especificamente uma polícia política de triste memória, se formalizou então o DOPS, Departamento de Ordem Política e Social (a exemplo da tcheca e de tantas outras à direita), desenvolvendo espionagem, infiltrações, cadastros, prisões, torturas, roubos, deportações, assassinatos, tudo a soldo, sendo “extinta” oficialmente em 1982.

No 1º de Maio de 1923 sob Estado de Sítio o jornal anarquista “A Plebe” com difusão pelo território brasileiro, editado em São Paulo, publica uma emocionada carta de Sacco e Vanzetti. Esta carta foi amplamente difundida e lida nas agitações do 1º de Maio daquele ano.

Em 5 de julho de 1924 na cidade de São Paulo, a exatos dois anos após o primeiro levante militar no Forte de Copacabana, o General Isidoro Dias junto de outros tenentes e tropas tomam a cidade de São Paulo bombardeando o palácio do governo do estado paulista. Se apossam da cidade por cerca de três semanas. As frações do exército obedientes ao presidente Arthur Bernardes retomam a situação com bombardeio aéreo e artilharia especialmente em bairros marcadamente operários.

Este movimento sedicioso de raiz autoritária, nacionalista, reformista, dos militares de baixa patente seguiu se unindo com outros militares sediciosos de outras regiões, como um contingente da região sul, formando a Coluna Prestes. A qual marchou por dois anos e meio pelo centro-oeste e nordeste do território brasileiro. Ao contrário do que esperavam as populações por onde passavam não aderiram ao seu movimento. Muitos protagonistas da Coluna Prestes se juntaram ao novo governo depois mais tarde em 1930 ou manobraram para tomar o poder.

Repressões de 1924

O governo, acuado com a revolta militar, com as agitações urbanas, com as organizações autônomas dos trabalhadores, desencadeou uma feroz repressão com prisões massivas. O tufão repressivo reage com milhares de presos e deportados, destes, alguns anarquistas.

Quando eclodiu a revolta militar encabeçada pelo General Isidoro Dias na cidade de São Paulo alguns anarquistas trataram de dar a seguinte sugestão: “O general forneceria armas aos anarquistas e estes formariam um batalhão de civis para lutar contra o governo central, porém, autônomo, sem disciplina e ingerência militar.”

O general recusou. Os anarquistas lançaram um manifesto em “A Plebe” muitos deles assinaram o manifesto. Com a bancarrota da revolta militar a caça da polícia se deu sem trégua prendendo o editor de “A Plebe” Pedro Augusto Mota, ainda Nicolau Parada, Pascoal Martinez, Nino Martins e muitos outros.

Os presos, militares sediciosos, anarquistas e outros indesejáveis são conduzidos de barco para o Rio de Janeiro. Lá junto a mais presos embarcaram no barco prisão “Campos”. Em uma viagem tormentosa, como dos navios tumbeiros de décadas anteriores, são levados até o extremo norte do território brasileiro (Amapá) exatamente na fronteira com a Guiana Francesa, na Colônia Penal do Oiapoque, Clevelândia do Norte.

O governo demonstrou o que era capaz de fazer com quem ousava enfrentá-lo, não existiria sua própria legalidade de leis, processo, julgamento. Criou um campo de concentração na floresta amazônica, de onde poucos dos presos, para lá deportados, saíram vivos. Dos que lograram sobreviver foi através da fuga pelas matas.

Nino Martins conhecido como “Zaratrusta” nos meios anarquistas e outros anarquistas morreram no Oiapoque. Nino Martins foi um ativo anarquista de vida intensa e breve, viveu por Porto Alegre, Buenos Aires, São Paulo. De sua família, dois irmãos e mais quatro irmãs, eram todos/as anarquistas.

Um pouco sobre iniciativas anarquistas na região do Rio Grande do Sul nos anos 20

Como dissemos em nossas primeiras palavras: “nestas linhas você não encontrará nem um terço pálido dos acontecimentos”, do que foram as iniciativas anárquicas. Bem vamos ao que por hora temos, ou seja, o que desvendamos, reunimos e ressignificamos.

Os anarquistas já tinham uma trajetória de atuação e luta na cidade de Porto Alegre desde que famílias vindas da experiência comunitária anarquista Colônia Cecília, que havia se dissolvido na região de Palmeiras, Paraná, se mudaram e fincaram raízes nestas bandas espalhando a ideia que se proliferou em muitas iniciativas de caráter anarquista ininterruptamente até os anos 20. Também nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Bagé são de longa data os registros de iniciativas anarquistas.

Eram eles e elas italianos/as, espanhóis/las, alemães/s, brasileiros/as, portugueses/as, poloneses/as, russos/as, ... sapateiros, tecelãs, alfaiates, padeiros, pintores, costureiras, pedreiros, carpinteiros, marítimos, tipógrafos, cortadores de pedras, canteiros (trabalhadores das obras públicas de pavimentação urbana), ...

Como noutras partes do mundo animaram edições de jornais, livretos e farta propaganda impressa, teatros, bandas de música, escolas, grupos de estudos, outros específicos femininos, conferências sobre os mais diversos temas, construíram organizações sindicalistas, comitês de agitação, participaram e contribuíram em greves e manifestações. Fomentaram o conflito com o poder pela própria maneira de como desenvolveram seus projetos, sua atividade gerou a atenção e a apreensão das autoridades.

Na cidade de Bagé editaram farta propaganda impressa rodando os seguintes jornais: “Nossa Voz” de 1923, mensário, “Órgão Comunista Libertário” ainda no mesmo ano “A Voz Humana” vozeiro da “Agrupação Libertária Proudhon” seu editor Rudesindo Colmenero foi um persistente anarquista até sua morte nos anos 70. Foi para Bagé devido às perseguições aos anarquistas em Santos, lá foi fichado no DOPS como “anarquista perigoso e desordeiro” foi editor ainda de “Tribuna Livre” jornal mensal do “Grupo Acrata A Vida”, declaravam: “A vida, para bem de todos, a queremos livre”. No final dos anos 20 saiu “Emancipação” jornal quinzenal do “Grupo Cultural dos Livre Pensadores” Sebastião Lamotte, Dorval Lamotte, Venâncio Pastorini, Cecílio dos Santos, ... este grupo desenvolveu sua atividade em Bagé e região tomando parte nas agitações pela libertação de Sacco e Vanzetti. Em 1929 seguindo sua atividade, o jornal “Emancipação”, realiza uma rifa para estimular a cumplidade com os que lutam, além de se solidarizar financeiramente com o Comitê Pró-Presos Políticos Sociais da cidade de Rio Grande onde, naquele momento, 13 operários estavam presos e condenados a 16 anos de sequestro.

Escreveram no jornal:

“Operários! Comprar um bilhete desta rifa é auxiliar os 13 operários que estão presos é demonstrar nossa solidariedade com todos os perseguidos pela luta de classe e é a muitos carneiros, traidores e ladrões do nosso movimento social a prova cabal que não somos localistas como nos tem chamado e nem comodistas.”

Em Santa Maria circulou em 1920 “A Folha do Povo”. De 1918 até 1921 se imprimiu na cidade de Rio Grande o jor-

nal anarquista “O Nosso Verbo” que destacava “Combater toda espécie de ditadura é legar aos nossos vindouros uma vida de liberdade”. Ainda em Rio Grande no 1º de Maio de 1926 sai às ruas o jornal “Cultura Proletária”, editado pela Sociedade União Operária.

Porto Alegre

Tiveram contínuas experiências de escolas anarquistas do início dos 1900 até os últimos anos da década de 10 daquele século. Porém nos anos 20 as escolas fecharam, sobrevivendo a Sociedade Pró-Ensino Racionalista a qual ainda desenvolveu atividades.

No meio sindical havia uma influência anárquica refletindo com uma descrença frente ao Estado-Capital para resolução de problemas populares sendo difundida a máxima que diz que somente os trabalhadores poderão resolver seus problemas. O sindicato dos canteiros era um forte reduto anarquista assim como a Federação Operária Internacional com sede na Rua Cristovão Colombo esquina Santo Antônio. O prédio foi posteriormente destruído e construído ali um palacete onde hoje é o palácio do vice-governador do estado. O próprio comitê de agitação por Sacco e Vanzetti vinha do interior dos trabalhadores organizados na Federação Operária.

Das publicações destacou-se nos primeiros anos da década de 20 a edição da “Revista Liberal”. Revista de “estudo, crítica social, livre pensamento e racionalismo” se publicaram mais de 20 números, e saiu até 1923 se extinguindo com a morte de seu animador Polidoro dos Santos anarquista de Porto Alegre, dos primórdios, sempre com intensa atividade.

Desta revista reproduzimos o seguinte diálogo:

Certo indivíduo fez uma visita a uma fábrica de tijolos, fazendo as seguintes perguntas ao dono do estabelecimento:

- De quem são os tijolos que tens na tua fábrica?
- Meus.
- Quem os fez?
- Meus operários.
- Então pertencem a eles.
- Mas eu comprei a terra.
- Com que a compraste?
- Com o dinheiro que ganho dos tijolos.
- Porém quem fez os tijolos?
- Os operários.
- Então a terra pertence a eles.
- Mas eu entrei com a maquinária?
- Como adquiriste a maquinária?
- Comprando-a.
- De onde tiraste o dinheiro?
- Do produto dos tijolos.
- Quem fez os tijolos?
- Os operários.
- Então as máquinas pertencem aos operários.
- Mas eu entrei com o capital.
- Como reuniste este capital?
- Vendendo os tijolos.
- Quem fez os tijolos?
- Os operários.
- Então a fábrica, os tijolos, as máquinas, o capital, tudo pertence aos operários, por serem eles os únicos que produzem.

O proprietário da fábrica, como último argumento, mandou expulsar tão imprudente indivíduo como perigoso e indesejável à boa ordem da olaria.

Eis o tom das publicações na época. Outra delas “Der Freie Arbeiter” (O Trabalhador Livre) foi uma das mais longevas publicações anarquistas. Escrita em alemão e editada pelo anarquista Frederico Kniestedt circulava em Porto Alegre e nas colônias alemãs espalhadas no interior. Seu primeiro número é de março de 1920 nos dez anos que se seguiram enfrentou repressão, censura e proibições. Seu último número venho a luz no 1º de Maio de 1930. Até o fim de sua vida, em 1947, Frederico Kniestedt seguiu insistindo em editar jornais anarquistas.

Em 1922 é publicado o jornal anarquista “O Libertário”, “Órgão do Centro de estudos Sociais” que tinha por lema: “Os homens são homens e vós não podeis dar ao indivíduo parcela de autoridade sem o corromper”.

Em 1926 dentro da campanha de agitação pela libertação de Sacco e Vanzetti e escrevendo sobre os acontecimentos sai o jornal “Aurora” editado pelo “Grupo Anarquista Aurora”. Tendo como editor o anarquista Francisco Grecco. “Aparece quando pode preço voluntário”.

No ano seguinte em setembro aparece “O Libertário” este “Órgão do Grupo Braço e Cérebro” com redação na Rua Vasco da Gama e vários redatores.

Outro jornal, animado pelos anarquistas, nesta época, foi o jornal “O Syndicalista”, que bradava: “Trabalhadores! Sois pequenos porque estais de joelhos! Levantai-vos”. Porta-voz da

Federação Operária (FORGS) aderida a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a 1ª Internacional. Saiu com interrupções de 1914 até os primeiros anos de 30. Jornal de larga difusão pelo Rio Grande do Sul e noutras regiões. Quando dos tufões repressivos dos governos de Artur Bernardes e Washington Luís foi “O Syndicalista” um dos poucos porta vozes dos anarquistas para denunciar e se solidarizar contra as prisões e deportações. Imprimindo em suas páginas a denúncia/notícia do paradeiro dos deportados: o Oiapoque. Dos poucos que sobreviveram, assim foi, por que deram fuga e encontrando recursos contataram companheiros e passaram a relatar seu tormentoso destino. Como a situação do anarquista Domingos Passos que em fuga da Colônia Penal do Oiapoque refugiou-se no Rio Grande do Sul depois de muitas peripécias.

Em Porto Alegre diante da tempestade repressiva os anarquistas organizaram o Comitê Pró-Presos Políticos Sociais. Este comitê apontava suas atividades para a campanha de agitação pela liberdade de Sacco e Vanzetti, o apoio aos anarquistas presos e aos deportados para o Oiapoque. Destas jornadas estavam José Garrido, Catalice Grecco, Francisco Grecco, Frederico Kniestedt, Alzira Werckausser, Daniel Conde, Mario Franco, Anastácio Gago, Jesus Ribas, Orlando Martins, João Francisco, Francisco Diz, Rafael Fernandez, Florentino de Carvalho, Domingos Passos, e tantos/as outros/as animadores/as anônimos/as de manifestações e atividades informativas diversas e outras iniciativas as quais jamais saberemos.

Em setembro de 1925 realiza-se em Porto Alegre, na Rua do Parque 112, promovido pela FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul), o Terceiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul de perspectiva e atuação anarquista, sindicalista.

Neste congresso participaram sindicatos dos padeiros, estivadores e trabalhadores da prancha, marítimos, canteiros, pedreiros, marceneiros e trabalhadores da madeira, alfaiates, costureiras e classes anexas, pintores, empregados de hotéis. Vindos das cidades de Rio Grande, Pelotas, Bagé, Alegrete, Santa Maria e Porto Alegre. Participaram também do congresso a Liga Pró-Ensino Racionalista, os jornais “O Syndicalista” e “Der Freie Arbeiter” e o Comitê Pró-Presos Políticos Sociais representado pelo anarquista Francisco Grecco, o qual informou no congresso a existência de centenas de presos anarquistas na região controlada pelo estado brasileiro. Os principais temas de debate foram os informes dos delegados presentes e das resoluções do congresso da AIT realizado em Amsterdam, agitação dos grupos libertários, regularização da publicação do jornal “O Syndicalista”, necessária expansão de Comitês Pró-Presos diante da brutal repressão de Arthur Bernardes, além de intenso debate sobre a política no seio dos trabalhadores e a ditadura em curso na Rússia. As últimas palavras do documento do congresso se encerram desta forma: “A organização operária, revolucionária, com finalidades anárquicas, será o foco da liberdade e a sepultura dos tiranos.”

No fim do ano de 1927 se realiza na cidade de Pelotas o 4º Congresso Operário do Rio Grande do Sul. Lá estiveram reunidos trabalhadores de Pelotas, Rio Grande, Uruguaiana, Bagé, Capão do Leão, Cacequi, Porto Alegre, além de representantes de outras regiões do Brasil. Estiveram presentes também grupos anarquistas: Grupo Braço e Cérebro, Grupo Germinal, Grupo de Propaganda Social, Grupo Cultural Livre Pensamento. São apresentadas por Florentino de Carvalho as agitações recentes realizadas pela libertação de Sacco e Vanzetti em Porto Alegre. O Comitê Pró-Presos e Deportados também relata suas atividades. Neste congresso se ascende intenso debate sobre o sindicat-

lismo sendo criticada a luta por conquistas imediatas apontando o sindicalismo como vetor de desorientação dos anarquistas.

Agitações no Brasil pela libertação de Sacco e Vanzetti

Se desenrolamos todo este contexto envolvendo acontecimentos diversos e as atividades anarquistas dos anos 20 foi, sobretudo, para situar em que ambiente estavam envolvidas as jornadas de agitação pela libertação de Sacco e Vanzetti. Do que sabemos para construir esta história lemos nas memórias dos anarquistas, Mario Franco, Frederico Kniestedt e Pedro Catalo, consultamos livros diversos e também variados jornais da época.

Os comitês de agitação pela libertação de Sacco e Vanzetti se espalharam por diferentes latitudes. Em toda América, de sul a norte, assim como na Europa e também na Ásia, Austrália e no continente africano. A solidariedade internacional se fez sentir com grandes agitações urbanas ao redor do mundo, com protestos, greves, paralisações, atentados contra representações estadunidenses, perturbando a ordem, preocupando os poderosos, construindo solidariedade com quem luta contra o estado-capital.

No Brasil temos referências de fortes agitações pela libertação de Sacco e Vanzetti no Rio de Janeiro e São Paulo, além de Porto Alegre, de cidades do interior e outras capitais. Quando da execução registraram-se comícios, enfrentamentos com as forças da ordem, muitas prisões (sobretudo em São Paulo) e intenso movimento grevista com piquetes em frente de fábricas no Rio de Janeiro, Petrópolis, São Paulo, Santos, Campinas e ainda na Paraíba e Belo Horizonte. Em Recife a história de Sacco e Vanzetti virou, na época, literatura de cordel “Sacco e Vanzetti aos Olhos do Mundo”.

Agitações pela libertação de Sacco e Vanzetti em Porto Alegre e noutras cidades do interior do Rio Grande do Sul

Segundo as palavras do anarquista Mario Franco Vergnano: “a Federação Operária, ajudada por sindicatos e grupos anarquistas, realizou 245 comícios públicos e distribuiu 45 mil boletins. Promoveu também piqueniques, realizou sorteio de livros, de revistas, de cartões postais com as fotografias de Sacco e Vanzetti, tudo para angariar dinheiro com o qual ajudou as famílias dos deportados no Brasil, e chegou a enviar ajuda ao Comitê Pró-Libertação de Sacco e Vanzetti na América do Norte.”

Frederico Kniestedt em suas memórias fala também das agitações em Porto Alegre pela libertação de Sacco e Vanzetti. Lembra que após uma assembleia onde se decidiu pela realização de um protesto e por convidar o cônsul estadunidense para a ocasião, Kniestedt, foi levar o convite pessoalmente. O cônsul ficou receoso, e assim que o convite foi entregue, o prédio, na Rua General João Manoel 217, foi prontamente guarnecido pela Brigada Militar, recorda o anarquista.

As agitações por Sacco e Vanzetti se acentuaram em 1927 com seu pico no mês de agosto quando foram executados. A execução estava marcada para o dia 11 de agosto sendo, de última hora, prorrogada para o dia 23. Os jornais comerciais imprimiam em sua capa notícias telegrafadas do mundo todo sobre as repercussões das agitações e desenrolar da situação judicial. Naquela época todo mundo ouviu falar dos anarquistas Sacco e Vanzetti, estas jornadas foram um acontecimento de grande relevo, que marcou memória.

Nas vésperas do assassinato de ambos anarquistas o Chefe de Polícia Valentin Aragon ordena que um grupo da Brigada Militar fique de prontidão guardando o prédio do consulado estadunidense. Como medida de precaução, nos dias de agitações nas ruas, durante o mês de agosto, o consulado foi mantido escoltado.

Foi convocado, através de boletins, um protesto, pelo Comitê Pró-Sacco e Vanzetti, para a tarde de 7 de agosto, domingo, nas escadarias da Prefeitura. Lá falaram Anastácio Gago, Antônio Nalipinsky, Florentino de Carvalho e outros. No mesmo dia em frente ao Theatro Orpheu na Rua Benjamin Constant falaram Orlando Martins, Francisco Grecco, Maurício Feldman e outros. Ambos os comícios de protesto foram concorridos e segundo o jornal “Correio do Povo” acabaram sem ordem. Se convoca na oportunidade para outra manifestação dia 9, terça-feira, esta na Praça Senador Florêncio (Praça da Alfândega).

Paralisaram o trabalho em sinal de protesto: sindicato dos canteiros, trabalhadores dos estaleiros, sindicato dos alfaiates, costureiras e classes anexas, trabalhadores da construção civil, padeiros, estes declarados na imprensa.

A convocatória foi atendida por muita gente, afinal eram as vésperas do dia marcado para a execução. Na manifestação de 9 de agosto na Praça da Alfândega falaram a anarquista Alzira Werckausser pelo sindicato dos alfaiates, costureiras e classes anexas, e os anarquistas Maurício Feldmann pelo Comitê Pró-Libertação de Sacco e Vanzetti, Orlando Martins pela Agrupação Braço e Cérebro, Francisco Grecco pelos trabalhadores da construção civil, além de gente dos sindicatos dos canteiros, padeiros, sapateiros, vidreiros e do Grêmio Artístico Arte e Natura

além de dois grupos operários parlamentares. É redigida e lida uma carta, a qual é aprovada na praça com “estrepitosas palmas”, incitando o povo de Porto Alegre a demonstrar seu protesto frente ao assassinato legalizado dos dois anarquistas. A carta é difundida vindo a ser veiculada na imprensa comercial. Durante a manifestação se fez presente os vigilantes olhos do delegado do 3º Distrito.

Enquanto isso no Rio de Janeiro é aprovada na câmara dos deputados e no senado a Lei Celerada é também confirmada pelo então chefe do bando parlamentar, o presidente Washington Luís, que assina o decreto lei dia 12 de agosto. Nas prévias da publicação do decreto-lei muito debate se formou. Por ser no Rio de Janeiro o covil dos parlamentares deputados, senadores, presidente, a agitação social deixou marcada sua repulsa a esta medida repressiva. A Lei Celerada combatia crimes contra segurança nacional e a ordem pública, animados por motivações ideológicas dando a carta branca para fechar qualquer associação considerada nociva à ordem social, foi também uma resposta ao fantasma do comunismo internacional, calando a imprensa opositora e fortalecendo a repressão a tudo que se oponha ao estado-capital.

Nas palavras de “A Plebe” com a Lei Celerada:

“o governo fica armado da autorização legal de fechar quando entender as associações operárias, de suspender a publicação de seus jornais, de prender, de processar e deportar os trabalhadores que não estiverem nas graças dos exploradores do seu esforço produtivo” e conclui: “Sempre se prendeu, perseguiu espancou e deportou os trabalhadores pelo simples capricho de reles espoletas policiais ansiosos de cair nas graças dos

poderosos do momento. Tudo isto passará a ser feito doravante sob a capa da lei. É o regime da mais infame tirania que se estabelece para o proletário.”.

A Plebe 6 de agosto de 1927, ano XII, nº257.

Arma de coesão e legitimação, as reatualizações das leis repressivas, segue seu curso até os dias de hoje para viabilizar o domínio e o controle. Hoje é a implementação da Lei Antiterrorista instrumento do estado-capital para aplinar a repressão quando da realização de megaeventos e maior controle social de grandes centros urbanos e suas eminentes agitações.

Voltemos às agitações por Sacco e Vanzetti. Ao redor do mundo os ventos solidários sacodem a normalidade do sistema. Foram dias agitados, de muita demonstração de força em cidades do Brasil e do mundo. Em Estocolmo e também em Copenhague uma turba popular ataca e tenta invadir a embaixada estadunidense sendo brutalmente repelida pelas forças da ordem. Em Londres, Paris, Argentina, Uruguay, EUA, se registram diversas explosões em representações diplomáticas, interesses capitalistas, monumentos e também sabotando trens. Na Espanha e Portugal os censores oficiais do estado foram expressamente proibidos de conceder publicações de telegramas sobre os movimentos internacionais pela libertação de Sacco e Vanzetti. E o vento solidário fortaleceu seu sopro ainda no México, Panamá, Bolívia, África do Sul, Tchecoslováquia, Bélgica, Suíça, Austrália, China, Japão ...

Diante da prorrogação e confirmação da sentença de morte nova onda massiva de demonstrações de protesto se fazem sentir. Por estes dias explode uma bomba na casa de um membro do júri que condenou Sacco e Vanzetti.

Em Antônio Prado, região da serra gaúcha, região de forte imigração italiana, os operários em 16 de agosto abandonaram o trabalho e realizaram protesto pelas ruas da cidade contra a condenação dos “anarchistas” de Boston. Ainda na serra na cidade de Caxias do Sul em 22 de agosto é realizado um protesto na Praça Dante Alighieri.

Em Rio Grande são realizados comícios de protesto e paralisações. Em Dom Pedrito na Praça General Osório o “Centro de Cultura dos Livre Pensadores” através da palavra de Dorval Lamotte, Cancio Pacheco e Rudezindo Colmenero realizam uma conferência em protesto a execução.

Na cidade de Quaraí a Liga Operária local realizou comícios e conferências pela libertação de Sacco e Vanzetti. No dia 23 de agosto se declarou em luto e realizou um ato.

Na mesma região, nas cidades de fronteira Uruguaiana e Passo de Los Libres, circulou o jornal anarquista “Espártaco”, editado por um barbeiro de nome Ayala. Publicado em idioma português e espanhol unindo e incitando o povo das duas cidades para se solidarizar por Sacco e Vanzetti, realizando agitados protestos e discursos acalorados nas ruas de Uruguaiana.

Na segunda-feira 22 de agosto se espalharam pelo Rio Grande do Sul as paralisações dos operários. Ao redor do mundo os ventos se agitaram. Na madrugada de segunda-feira para terça-feira dia 23 de agosto foram assassinados na cadeira elétrica Sacco e Vanzetti aos gritos de “viva a anarquia!”.

O dia 23 é marcado por uma grande revolta por diferentes latitudes. Protestos massivos, greves, paralisações, piquetes,

boicotes e sabotagens. Os jornais do mundo estampam em primeira página os acontecimentos.

Dois dias depois sob o manto da noite um incêndio chama a atenção dos jornalistas em Porto Alegre. O Porto Alegre Colledge situado no bairro Rio Branco é alvo de um incêndio. Esta instituição foi um braço “cultural” do governo estadunidense. Ao chegar para trabalhar, às 5hs da manhã, o cozinheiro do colégio percebe uma coluna de fumaça e corre em disparada em busca de socorro. O fogo é contido a baldes d’água pelos próprios alunos do colégio. A polícia é chamada e são encontradas latas de querosene. O Delegado do 2º Distrito, Miguel Tostes, é encarregado do caso. O jornal “O Correio do Povo” levanta suas suspeitas: represália de “um gatuno” que a pouco foi pego invadindo o colégio ou talvez “anarchistas” solidários com Sacco e Vanzetti?

Palavras finais

O estado é capaz de tudo para conservar seu poder, para se vingar. As leis, tribunais, convenções, são fachadas que dão ao monstro um rosto aparentemente “justo”. Quando pensamos em “justiça” pensamos em equilíbrio. O estado, as leis, tribunais, sentenças, prisões, cadeiras elétricas, são faces do desequilíbrio.

Temos claro que as leis são formalizações escritas pela afirmação dos que dominam. As leis defendem a propriedade, o funcionamento da lógica capitalista do lucro e da produção em detrimento da vida em geral, defendem e garantem a dominação, a ordem, a normalidade, a “paz social”. Estar em conflito com as leis é uma constante para muitos/as, motivações não faltam: roubo da vida, humilhação, impossibilidade de viver, consciência,

vingança, ... ou ainda, tudo junto misturado. Estar na contramão das leis é comum e até de diferentes maneiras generalizado.

As leis são uma fachada para causar temor e obrigações. Os que as criam, seus afiliados e financiadores não sentem seu peso, brindam e dançam. A justiça é uma justiça dos ricos contra os pobres. De maneira diferente as estatísticas das prisões dizem a mesma coisa.

O sequestro é considerado hediondo e severamente punido pelas leis dos ricos (veja a situação de Mauricio Noran Buena aqui no Brasil). Por outro lado o estado sequestra pessoas de maneira organizada, as mantém em cativeiro, cobram resgate (fiança), ou por vingança mantém a pessoa nos seus porões. Por fora dos tribunais a pena de morte é prática vulgar dos aparatos repressivos do estado.

Aqui não nos interessa destacar se eram inocentes ou culpados Sacco e Vanzetti. Pelo que se percebe da trajetória de suas vidas eram dois sujeitos que se posicionaram em franco conflito com o estado e o capital, assumiram posição na busca por liberdade, eram anarquistas inimigos por essência do poder. Foram severamente punidos por isso. Além de ter sido um tormento pessoal uma vingança específica contra dois seres, foi também um anúncio a todos/as que enfrentam o estado-capital. A condenação gritava: - Os/as mataremos a todos/as!

A mensagem foi entendida assim por distantes lugares e se generalizou uma onda de solidariedade e revolta instigada sobretudo pelos/as anarquistas os/as quais estavam sentindo na pele serem caçados/as pelas forças repressivas do estado em todas as regiões onde existiam. A sua maneira as diferentes expressões

de busca da anarquia demonstraram sua solidariedade nas mais diferentes latitudes, a solidariedade internacional se demonstrou como uma potente arma. E segue como ontem atual.

Cinquenta anos depois do assassinato, em 1977, o estado quer se retratar de sua agressão e declara Sacco e Vanzetti inocentes, o mesmo fez com os anarquistas enforcados em Chicago em 1887. Os “Mártires de Chicago” e Sacco e Vanzetti jamais saíram da memória dos anarquistas. Suas vidas e posturas diante do inimigo, a firmeza, a força que os animavam a buscar a anarquia. Estes valores foram sempre lembrados a cada 1º de maio desde o fim dos mil e oitocentos, a cada agosto desde 1927, o sistema esperto como é para manter seu domínio ressignifica e esvazia tudo que represente ameaça ... A memória anárquica de luta e conflito com o poder na busca de liberdade se faz das experiências da luta, de derrotas, de pequenas vitórias, de sangue.

Armando Guerra

Materiais Consultados

Os materiais consultados foram diversos e diversas foram as intenções dos que as produziram, editaram, financiaram. Fora materiais específicos sobre a vida de Sacco e Vanzetti nossa tarefa foi de unir informações dispersas e em outros contextos, dando luz a um momento, uma prática, uma jornada de luta.

Alguns escreveram suas memórias ou por afinidade, outros escreveram buscando prestígio no mundo intelectual e acadêmico, não faltaram os adoradores de partidos que com a bandeira vermelha socialista, comunista, veem na visão, na prática anarquista, boas intenções, porém com “deformações” a serem superadas.

Consideramos a memória de luta por liberdade como uma arma que nos traz experiências, lições, aprendizados. Nos esforçamos em trazer uma contribuição para esta memória de luta. Não podemos deixá-la nas mãos dos adoradores da autoridade.

Livros:

Edgar Rodrigues
Pequena História da Imprensa Social no Brasil
Alvorada Operária
Novos Rumos Pesquisa Social 1922-1946
Trabalho e Conflito Pesquisa 1906-1937
Os Companheiros Volumes 1, 2, 3, 4 e 5
O Anarquismo na Escola no Teatro na Poesia
Sem Fronteiras
Os Libertários Ideias e Experiências Anárquicas
Lembranças Incompletas

Frederico Kniestedt
Memórias de Um Imigrante Anarquista

João Batista Marçal
Os Anarquistas no Rio Grande do Sul
A Imprensa Operária no Rio Grande do Sul
Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha

Silvia Regina Ferraz Petersen & Maria Elizabeth Lucas
Antologia do Movimento Operário Gaúcho

Lúcia Silvia Parra
Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sob a
vigilância do DEOPS/SP (1924/1945)

Clóvis Moura
Sacco e Vanzetti: O Protesto Brasileiro

Fernando Quesada
Sacco y Vanzetti dos nombres para la protesta

Katherine Anne Porter
Sacco e Vanzetti: Um erro irreparável

Howard Fast
Sacco e Vanzetti dois mártires da luta pela liberdade

Jornais:

Correio do Povo edições do mês de agosto de 1927
Diário de Notícias 9 e 10 de agosto de 1927
O Dealbar

Estes materiais podem ser encontrados no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, no Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS e no Arquivo do Ateneo Anarquista de Constitucion em Buenos Aires, respectivamente.

Filme:

Sacco e Vanzetti (1971) de Giuliano Montaldo: Este filme passou inicialmente pela censura brasileira em 1973 e na mesma semana de seu lançamento foi proibido, proibição que se estendeu até 1979.

SACCO E VANZETTI

MEMORIA REBELDE

ATUALIDADE PROJEÇÃO

FEIRA - EXPOSIÇÃO - VIDEO - DEBATE



23 AGOSTO DOMINGO 15hs INVERNO 2015

BIBLIOTECA KAOS > RUA ALBERTO TORRES

Todo o ser que levanta sua cabeça e se oponha ao sistema de dominação é sistematicamente hostilizado pelas forças da ordem, perseguido, seqüestrado, assassinado. Ontem e hoje os/as anarquistas enfrentam o sistema de dominação procurando que viva a anarquia. Sacco e Vanzetti foram dois anarquistas executados na cadeira elétrica, em 1927, pelo estado norte americano por serem inimigos incondicionais de toda autoridade, por serem anarquistas.

A 86 AÑOS DEL ASESINATO DE SACCO Y VANZETTI...

Charla: "De Sacco y Vanzetti a los procesados del 14 de Agosto"
y presentación del audiovisual contra la represión progresista,
por Plenaria Memoria y Justicia,
con posterior charla.



CAFÉ SUBVERSIVO

Venta de pizzas en solidaridad con los compañeros
procesados en la marcha del 14 de Agosto y "La
Rouco Buela" en vivo.

Viernes 23 de Agosto a las 19 hs.
en La Solidaria (Fernandez Crespo 1813).





ANTE TODO SIN ARREPENTIMIENTO... LA GUERRA CONTINUA!!

EN MEMORIA DE SACCO Y VANZETTI A 88 AÑOS DE SU EJECUCIÓN

DOMINGO 30 DE AGOSTO DESDE LAS 17 HRS
OKUPA LA KOLERA (LIBERTAD/PRESIDENTE ERRÁZURIZ)
APORTE VOLUNTARIO PARA ENCOMIENDA

ACTIVIDAD ENMARCADA EN LA SEMANA INTERNACIONAL DE PRISONERXS ANARQUISTAS DEL 23 AL 30 DE AGOSTO



FORO / CONVERSATORIO

PROYECCIÓN DEL DOCUMENTAL MOVE! (ACCIÓN Y RESISTENCIA NEGRA EN EE.UU)

ONCE VEGANA

AL PULSO DE LA VENGANZA (APARTIR DE SACCO Y VANZETTI, DOCUMENTAL SOBRE LA LUCHA AUTÓNOMA E INSURRECCIONAL EN ESTADOS UNIDOS)

CONVOCA: BIBLIOTECA ANTIAUTORITARIA SACCO Y VANZETTI

Cartas acenos e sopros

Carta I - Tato / Chile

Companheirxs e afins.

Escrevo estas letras desde minha atual situação e realidade que é o cárcere. Aqui me encontro em uma seção de alta segurança, isolada da população penal, pelo delito de colocação e ativação de artefato incendiário, que me imputa esta justiça civilizada. É dizer, sou condenada a 3 anos de prisão pela minha ação de queimar um transporte público, que se consumiu totalmente pelas chamas, na madrugada de 7 de abril de 2015. Aqui compartilho e me encontro junto com uma grande companheira e irmã que é Tamara Sol Farias. Presa política a quem a desprezível justiça civilizada impôs 7 anos de prisão pela ação de disparar contra um guarda de segurança bancário, no dia 27 de janeiro de 2014, como um gesto de vingança pela morte do companheiro nihilista Sebastian Oversluij, que ao momento de realizar um assalto bancário, recebeu um impacto de bala por parte de um homem - cidadão - servidor (um guarda) do capital.

Estamos aqui, vendo as coisas desde outra perspectiva, como uma consequência (seja por azar ou acidental) de nossos desejos e ações. De me desafiar, me impulsionar e me permitir atuar/atentar frente ao que desprezo. Frente esta cultura e civilização de dominação patriarcal, antropocêntrica e tecno-industrial, que nos enche de distrações e superficialidades, pretendendo desde séculos, nos afastar de experimentar outras realidades e formas de vidas autênticas e naturais.

Hoje o encerro é o panorama, mas sei que não é eterno e que nossas vidas, com os altos e baixos que enfrentamos atrás das grades, ainda brilham de beleza e rebeldia. Impulsionando a ter forças e vontade de resistência, de seguir fazendo pra não cair na apatia nem na passividade. Seja de forma individual quando me disponho a ler, a me informar, estudar, aprender novas coisas

e capacidade, como também de forma conjunta ao treinarmos fisicamente, criarmos projetos autônomos como hortas, publicações antiautoritárias ou oficinas de costura e serigrafia.

O cenário muda e se aprisiona e limita o mais visível e material como o corpo e sua mobilidade. Mas existem vibrações indômitas que seguem marcando nosso ser e ações. Ideias e desejos as que me aferro em um abraço interminável. Inclusive quando a visão se enche de muros, grandes e cimento.

Quero saudar calorosamente a cada ser que se encontra nessa atividade, e que compreende e sabe que a solidariedade que compartilhamos despreza o conceito quantitativo e que prefere um gesto e ação essencial ao nos reconhecer afins e em luta. Independente de que finalmente nossas opções de vida são sumamente íntimas e individuais, e independente do quão longe estejamos.

Aproveito pra lembrar, sabendo que esta atividade ocorre no Brasil, a uma pessoa que leva anos presa em um regime extremo de isolamento. Mauricio Hernandez Norambuena, condenado pelo sequestro de Washington Olivetto e castigado pelo estado do Brasil a 30 anos de prisão.

Fogo a civilização patriarcal, antropocentrista e tecno-industrial!

Carta II - CCF / Grécia

Olá Companheirxs.

Lhes mandamos algumas palavras desde as prisões gregas para tentar contribuir com o evento da Biblioteca Kaos. Muitas vezes, alguns companheirxs são céticos com nossa atitude. Perguntam: “ Não seria melhor negar que fazem parte da CCF em vez de assumir toda a responsabilidade que lhe custa centenas de anos de prisão? Pretender ser “inocente” e pegar menos anos de prisão para poder serem soltxs mais cedo?!”

É obvio que cada dia em prisão é um dia que a autoridade rouba das nossas vidas. Mas, não se pode contar a vida com o número de dias vividos, mas sim, da maneira como a vivemos. Escolhemos viver como anarquistas não como vítimas.

Declarar-se “inocente” nesta época de exploração, violência policial, totalitarismo tecnológico, significa ser um covarde. A feiura do Poder construiu seu palácio sobre a “inocência” da maioria que o levanta. Um anarquista é culpável na visão do estado porque a anarquia é “ilegal” ou não é nada. Alguns podem dizer: “falar mentiras para o Poder num tribunal, para evitar alguns anos em prisão, não é um problema...” Falar mentiras para a autoridade, obviamente não é um problema. Porém falar mentiras para si mesmo e para seus companheirxs, é um problema. Os julgamentos que acontecem contra os anarquistas não são somente julgamentos contra companheiros que tiveram má sorte suficiente para serem detidxs. São julgamentos onde dois mundos diferentes colidem. Por um lado, o mundo da autoridade, da polícia e dos juízes, por outro, o mundo da anarquia, da rebelião e da solidariedade. É o conflito escrevendo sua própria história. É um conflito que tem nos seus próprios antecedentes, pessoas que não baixaram sua cabeça na frente dos juízes. Assumiram plena responsabilidade enquanto anarquistas e sua memória foi o detonador para continuarmos escrevendo a história desde o ponto de onde a deixaram, Emile Henry, Clément Duval, Jules Bonnot, Severino di Giovanni, Sacco e Vanzetti.

Com nossa atitude, assumindo total responsabilidade enquanto anarquistas, queremos levar a causa anarquista adiante. Mesmo se isso significa mais repressão e mais prisão. Além disso, o caminho da liberdade é sempre íngreme. Xs anarquistas que não se dobram diante dxs juízes nem se escondem atrás de advogados, queimam as pontes detrás deles e abrem o dilema “anarquia ou submissão!!!” E isso, conseqüentemente, dá outro sentido às palavras e seus significados. A solidariedade com xs anarquistas presxs que reivindicaram a responsabilidade não pode ser mais um procedimento de costume ou palavras comoventes.

Solidariedade significa a cumplicidade na luta. E a melhor solidariedade é levando a peleia com todos os meios, fazendo eventos, colando cartazes, quebra-quebra e briga com a polícia, com fogo, com bombas, com execuções, quebrando as grades das prisões que mantém presxs xs anarquistas...

Sejam fortes e sigam para frente companheirxs...

Célula de Guerrilha urbana. CCF/FAI-FRI
Giorgos Polydwros, Olga Oikonomidou
Gerasimos Tsakalos e Christos Tsakalos
Prisão de Korydallos 11/08/2016.

Carta III - CCF / Grécia

A todos os companheiros, a todos os irmãos e irmãs anarquistas que estão presentes no evento organizado pela Biblioteca Anárquica Kaos. Deixemos que nossos pensamentos fujam e viagem até o Brasil pra assim poder mandar estas palavras com a esperança de que, pelo menos um pouco, possam sentir nossa presença ao lado de vocês.

Em resposta ao tema do evento que acontece dentro da semana internacional de solidariedade com os anarquistas presxs e com o caso de Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti, gostaríamos de compartilhar nossa contribuição pessoal e histórica. A conspiração das células de fogo foi desde o início um grupo anarquista de ação direita que ansiava o surgimento da presença anarquista agressiva na Grécia. Então, a CCF não duvidou em criticar frequentemente aquilo que acreditávamos estar evitando a generalização desta intensificação. Mas quando a repressão finalmente chegou nas nossas portas, compreendemos totalmente que não poderíamos estar à altura de nossas convicções se rejeitávamos defender nossa identidade. Nosso ponto de vista político e nossa substância mesma. Além disso, poderíamos terminar tendo um completo contraste com nossas críticas contra outros no passado. Assim, sete anos depois do dia em que a repressão nos atingiu, mantemo-nos na linha frontal da dignidade anarquista, pelo menos como temos o percebido. Rechaçamos desonrar a nós mesmos de forma nenhuma, e defendemos o que acreditávamos tínhamos que defender, ainda pagando o preço de nossa atitude comprometedora.

Indo de volta para o passado -no tempo em que dois companheiros anarquistas de práxis forjados no fogo da revolta, Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti, foram presos sob as acusações de

expropriação armada e assassinato- enfrentamos um desafio que não teve precedentes. Um fato que se acrescenta com ampla evidência é que ambos dois, Sacco e Vanzetti, participaram de redes informais de militância de afinidade anarquista, todas as quais estiveram afiliadas à publicações como o jornal anarquista Cronaca Sovversiva, em cuja publicação eles mesmos ajudaram, e que apoiava e defendia a necessidade de propaganda pela práxis. É conhecido também que estas redes informais de militância foram responsáveis por uma série de ataques que impactaram os Estados Unidos desde 1914 em diante, e que elas sustentavam-se pelas expropriações armadas. Finalmente é um fato que alguns dos companheiros de Sacco e Vanzetti, logo após do assassinato dos companheiros, narraram na boca miúda, que eles foram dois dos cinco ladrões da fábrica de sapatos na Braintree, Massachusettes. Um dos companheiros de Sacco e Vanzetti, Mario Buda, por exemplo, numa entrevista, quando foi perguntado pelo financiamento do seu bando, ele respondeu: “comumente nós íamos e o tomávamos (o dinheiro) de onde pudéssemos encontra-lo” querendo dizer os bancos e as fábricas.

Muitos anos depois, em 1955, ele recebeu a visita do anarquista Charles Poggi quem estava pesquisando historicamente o caso de Sacco e Vanzetti. No debate entre eles, Buda admitiu pelo menos a participação de Sacco no roubo na Braintree com a frase: “Sacco esteve aí” (“Sacco c’era”). Poggi teve a impressão de que Buda foi um dos assaltantes também, mas devido a sua discrição, ele não aprofundou no assunto.

Os dois companheirxs foram detidos depois duma perseguição e ainda armados. Sem a técnica de balística que naquela época ainda não tinha sido aperfeiçoada, não existia evidencia incriminadora contra eles desde que todas as testemunhas não podiam testemunhar nada acreditável. Então os dois companheiros escolheram se defender eles mesmos, se declarando inocentes do roubo, mas culpáveis em quanto anarquistas, num momento em que mesmo parecendo pouca coisa, este fato era suficiente para

que alguém fosse processado, torturado, aprisionado ou ainda deportado, devido a que a onda de ataques anarquistas que tinha impactado os Estados Unidos, provocou que o Estado tomasse medidas de emergência, com uma série de leis, contra os anarquistas e os imigrantes anarquistas.

Na efervescência da histeria anti anarquista que foi batizada como a Ameaça Vermelha, os dois companheiros tentaram se balançar numa linha muito fina para evitar tanto a pena de morte quanto para manter a dignidade, desde que eles, teimosamente, rejeitaram apagar sua identidade alias o fato de que só isto poderia provar suficientemente uma condenação.

Desafortunadamente o caso de Sacco e Vanzetti somente é lembrado até hoje, como o maior exemplo de montagem do governo. A narrativa histórica que tem prevalecido está tentando lançar um véu no contexto histórico mais amplo da época em que o julgamento dos dois camaradas é envolvido em deliberadamente enganar retratando-os apenas como sindicalistas organizados quando Sacco e Vanzetti, assim como quase todos os companheiros próximos à Cronaca Sovversiva, tinham profundos sentimentos anti formalistas, se distanciando eles mesmos da organização anarquista oficial.

Ultimamente o caso dos dois companheiros tem sido degradado a uma história que ergue o valor da vitimização no lugar de ser um exemplo atemporal de orgulhosa insurreição anarquista. Este assunto é fortemente desconhecido ainda hoje. Naturalmente cada camarada mantém sempre o direito de não dar sequer um pingão de si mesmo para o inimigo, especialmente quando eles têm provas suficientes, se houver, para condená-lo. Ainda que isso é uma coisa, enquanto o fetichismo político de vitimização que esquece deliberadamente e totalmente aqueles que escolhem defender pessoalmente o seu compromisso militante à anarquia, é outra.

E se alguém ficar na dúvida, vamos nos perguntar por que motivo os nomes dos camaradas Sacco e Vanzetti poderiam ser fundidos no esquecimento. Quantos ainda lembram ou mesmo sabem, sobre a garota dinamite, de 19 anos, a companheira Gabriella Antollini, que reivindicou a responsabilidade do transporte de armas e explosivos? Quantos se lembram de Nicola Recci que perdeu quase toda a sua mão, enquanto fabricava dispositivos explosivos? Quantas vezes é mencionado Carlo Valdinoci, que morreu pela explosão de uma bomba que estava planejando jogar na casa do ministro da justiça Palmer; ou Andrea Salsedo, que foi jogado de uma janela por policiais durante um interrogatório sobre uma reivindicação de responsabilidade que foi descoberta na sua gráfica. Todos estes e muitos mais, estavam destinados a ser deixados fora dos livros da história, porque, como costuma acontecer, eles não eram “inocentes”.

Neste ponto, temos que deixar claro que Sacco e Vanzetti, apesar de se declarar inocentes de todas as acusações; eles nunca renunciaram sua herança insurrecional. Um fato comprovado pelo número de ações ofensivas em todo o mundo feitas em solidariedade com os dois companheiros. Desde o atentado, usando um carro bomba em Wall Street até o pacote-bomba enviado para o embaixador em Paris, assim como dúzias de bombas em embaixadas americanas em vários países. Os camaradas muitas vezes chamaram o movimento para fazer retaliações contra o Estado e juízes. Em junho de 1926, em um artigo da Protesta Umana, Vanzetti escreveu entre outras coisas: “Vou tentar ver a morte do Thayer antes de seu anúncio da nossa sentença e pedir aos companheiros vingança, vingança em nosso nome e em nome de nossos vivos e nossos mortos”. O artigo conclui com a “saúde está em você”, que era o título de um manual sobre dispositivos explosivos publicados pela Cronaca Sovversiva (alguns dizem

traduzido pela Emma Goldman)

Até hoje, as valiosas contribuições da anarquia insurrecional ao movimento de solidariedade com Sacco e Vanzetti, é em grande parte negligenciado. Em uma ocasião, tais como a chamada para a semana internacional de ação para os anarquistas presos o legado de tal solidariedade militante definitivamente vale a pena de se lembrar dentro de toda esta perspectiva. Quem acredita que a dissociação com atos militantes da solidariedade é novo ou carente de raízes, está profundamente enganado. Um fato notável é que durante todo o tempo certos círculos anarquistas na Argentina tem caluniado Severino di Giovanni acusando-o mesmo de ser um fascista, a viúva de Sacco em uma correspondência feita alguns dias após a execução de ambos os companheiros expressou sua gratidão por seu apoio ao seu caso. Na mesma carta, ela indicou que o diretor de uma determinada empresa de cigarros com o nome “Combinador” se ofereceu para dar a um tipo particular de cigarros a marca “Sacco y Vanzetti”, descaradamente tentando fazer lucro com a notoriedade do seu caso. Em 26 de novembro de 1927 uma bomba que Di Giovanni e seus companheiros puseram, explodiu uma sucursal da referida empresa em Buenos Aires. Parte deste mesmo grupo foi o companheiro de Sacco e Vanzetti, Ferrecio Coacci, uma vez que ele tinha sido deportado dos EUA. Coacci foi também um suspeito do roubo pelo qual Sacco e Vanzetti foram condenados, e sua casa foi a primeira a ser invadida dentro da investigação do caso.

Esperamos que estas poucas palavras incitem o interesse nas pessoas que estão presentes no evento, e que estas mesmas palavras semeiem as bases pra uma conversa autêntica entre companheiros em relação a todos estes temas, já que desafortunadamente, estamos amaldiçoados a não aprender nada de nossa

história, e essa maldição pode nos levar a cometer os mesmos erros uma e outra vez.

Desde o coração, mandamos a todos vocês nosso mais caloroso salve.

Pra terminar, devemos lembrar nós mesmos a frase do anarquista Luigi Galleani, companheiro de Sacco e Vanzetti, e um dos membros da Cronaca Sovversiva: “nenhum ato de rebelião é inútil, nenhum ato de rebelião é inofensivo”.

Os membros da Conspiração das Células de Fogo.

Michalis Nikolopoulos

Giorgos Nikolopoulos

Haris Hatzimihelakis

Panagiotis Argirou

Theofilos Mavropoulos

Damiano Bolano



NICOLA SACCO EM CARTA A SEU FILHO APÓS UMA GREVE DE FOME NA PRISÃO ...

“ELES PODEM CRUCIFICAR NOSSOS CORPOS HOJE, COMO ESTÃO FAZENDO, MAS NÃO PODEM DESTRUIR NOSSAS IDEIAS QUE PERMANECERAM – PARA OS JOVENS DO FUTURO. FILHO AO INVÉS DE CHORAR, PROCURA SER FORTE, DE MODO A CONFORTAR TUA MÃE. LEVA-A A UM LONGO PASSEIO PELO CAMPO, COLHENDO FLORES SILVESTRES, AQUI E ALLI, DESCANSANDO A SOMBRA DAS ÁRVORES ENTRE A HARMONIA DE UM ARROIO ALEGRE E A TRANQUILIDADE AMÁVEL DA NATUREZA.” ... E CONCLUI: “LEMBRE-SE SEMPRE DOS DIAS DE ALEGRIA E NÃO USE TUDO APENAS PARA VOCÊ, DESÇA UM DEGRAU E AJUDE SEMPRE OS MAIS FRACOS QUE GRITAM POR AJUDA, AJUDE AS VÍTIMAS E OS PERSEGUIDOS, PORQUE ESTES SERÃO OS SEUS MELHORES AMIGOS”

